

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

THAÍS STIVAL SLOMPO

**ESTUDO DE CASO DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ SOBRE A  
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS ASSUNTOS RELACIONADOS  
À VIOLENCIA FÍSICA E SEXUAL**

CURITIBA

2013

THAÍS STIVAL SLOMPO

**ESTUDO DE CASO DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ SOBRE A  
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS ASSUNTOS RELACIONADOS  
À VIOLENCIA FÍSICA E SEXUAL**

Trabalho apresentado para obtenção de grau em  
Comunicação Social com habilitação em  
Jornalismo do curso de Comunicação Social, Setor  
de Artes, Comunicação e Design da Universidade  
Federal do Paraná.

Orientadora: **Profª. Mª. Nicole Kollross**

CURITIBA

2013

Dedico este trabalho aos meus pais (Carlos Roberto Slompo e Mabel do Rocio Stival Slompo), pelo amor e paciência, e ao meu querido irmão (Paulo Henrique Stival Slompo) pela preocupação e o apoio que sempre me fez seguir em frente.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, por ter me dado a possibilidade de existir e a vontade de mudar o mundo.

A minha família, que sempre me apoiou, mesmo que não entendendo o significado de tudo isso. Pelo amor, carinho, dedicação e principalmente por estarem sempre ao meu lado aceitando as minhas decisões.

Ao meu namorado Ricardo, pela paciência, pelo amor e pela ajuda na diagramação desta pesquisa.

A professora e amiga Nicole, que além de ajudar neste momento tão importante, me “emprestando” seus conhecimentos, também acreditou nas minhas ideias e me incentivou a colocá-las em prática.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 A IMPRENSA E O JORNALISMO IMPRESSO .....</b>	<b>9</b>
1.1 A SEGMENTAÇÃO DE LEITORES E A IMPRENSA FEMININA .....	15
1.2 A IMPRENSA NO BRASIL .....	19
1.2.1 Jornal Tribuna do Paraná .....	23
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA: SEMIÓTICA UMA TEMÁTICA ANTIGA .....</b>	<b>37</b>
2.1 SEMIÓTICA PEIRCEANA .....	42
2.2 SEMIÓTICA X SEMIOLOGIA .....	49
<b>3 ANÁLISE SEMIÓTICA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ .....</b>	<b>52</b>
3.1 MULHER OBJETO E O HOMEM SUJEITO .....	57
3.2 IMAGENS E FOTOGRAFIAS DA MULHER NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ .....	70
3.3 BREVE REFLEXÃO SOBRE A MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA” .....	82
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso se propõe a estudar como o jornal Tribuna do Paraná representa a imagem da mulher contemporânea. É reconhecida a essencial importância de entender a produção e reprodução de elementos que influenciam na formação das “identidades femininas”. Isto é, entender o processo a partir do qual os discursos midiáticos e as ideologias contidas nos meios de comunicação são, dentre outros fatores, também responsáveis pela construção dessas identidades.

O objetivo dessa pesquisa era identificar através de um estudo de caso do jornal Tribuna do Paraná (do Grupo Paranaense de Comunicação – GRPCOM, que circula de segunda-feira a sábado em Curitiba, exceto feriados), como a mulher contemporânea é representada nos assuntos relacionados à violência contra a mulher. Foram escolhidas para análise somente as violências física e sexual, devido a sua maior representatividade, e por serem mais agressivas, com maior potencial de levar a morte. Foram analisados 76 exemplares do jornal, dos meses de abril a junho de 2013.

A pesquisa, que se situa na área de comunicação e estudos de gênero, (utilizando a representação) versa sobre a problemática do feminino veiculada na mídia impressa. Busca entender como o periódico contribuiu para uma visão da mulher como sendo submissa ao homem, e como isto interfere nas relações de poder entre os dois sexos: masculino (sujeito) e feminino (objeto).

Este trabalho de Conclusão de Curso analisa através da semiótica, as matérias, imagens e fotografias selecionadas. Procura identificar críticas, lacunas e expectativas com relação à representação da mulher. Entretanto, é necessário deixar bem claro que esta pesquisa não pretende analisar a representação da mulher em um meio de comunicação exclusivamente feminino, e sim em um jornal diário que é lido por homens e mulheres.

O presente trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo versa sobre o surgimento da imprensa e do jornalismo impresso. A invenção da prensa de Johannes Gutemberg foi responsável pela reprodução em grande escala de publicações impressas, além de ter uma boa qualidade de impressão, o que possibilitou a divulgação de informações de forma mais rápida. Com a disseminação da prensa, os jornais impressos começam a surgir na Europa Ocidental, no século

XVII. No entanto, os jornais, definidos genericamente de “imprensa geral”, eram uma publicação quase exclusiva para homens das classes mais altas, pois estes tinham acesso à educação. O surgimento da imprensa feminina (que também se deu no século XIX) foi o primeiro passo para a segmentação, antes disso a imprensa não tinha distinção de público. A noção de imprensa dirigida “especificamente” ao sexo masculino só se constituiu após a feminina.

Outro assunto tratado no primeiro capítulo é referente ao surgimento da imprensa no Brasil, que se estabeleceu de forma tardia devido à censura régia determinada por Portugal (país colonizador do Brasil). Também há um breve histórico do jornal *Tribuna do Paraná*. O periódico foi criado em 17 de outubro de 1956 na Editora o Estado do Paraná, por Francisco Camargo, Aristides Merrier e João Feder. Os principais assuntos tratados pelo jornal na época eram voltados à editoria de esporte e política. Em 2002 o jornal passou por uma mudança na linha editorial. Com o caderno “Segurança” as reportagens buscavam analisar o impacto da violência na sociedade, e juntamente com o caderno de esportes são os carros-chefes do jornal até hoje.

Já o segundo capítulo é referente à metodologia de pesquisa, a análise semiótica, empregada para a avaliação das matérias e imagens referentes à mulher e a violência física e sexual. A semiótica foi desenvolvida por Charles S. Pierce e, de forma simples, pode ser considerada uma ciência de “toda e qualquer linguagem”, verbais ou não verbais. No entanto, a temática da semiótica é bastante antiga, e as ações dos signos já haviam sido estudadas por muitos outros filósofos como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Descartes e outros.

O último capítulo trata-se especificamente da análise semiótica das matérias e imagens selecionadas do jornal. Dos 76 exemplares analisados, 50 apresentaram matérias relacionadas à mulher e a violência física e sexual. Foram apenas analisados casos de violência que ocorreram em Curitiba e Região Metropolitana, e aqui foi considerado violência contra a mulher, casos que ocorreram com mulheres (meninas) a partir de 12 anos. Para dar embasamento à pesquisa, foram utilizadas as definições de mulher como objeto e homem como sujeito, de Simone de Beauvoir (1980). Uma vez que o jornal contempla os “interesses masculinos” a mulher torna-se objeto da ação do homem, seja na violência tornando-se vítima,

ou ainda é representada como objeto sexual. Após a análise, na conclusão, pode-se ressaltar que o jornal realmente contribuiu para uma visão da mulher como sendo submissa ao homem.



## 1 IMPRENSA E O JORNALISMO IMPRESSO

Para entender o desenvolvimento da imprensa é necessário ter em mente que a comunicação é parte integrante desta história, e que ela evoluiu juntamente com a humanidade. De início os seres humanos se comunicavam através de gestos, da postura e da atitude. Mais tarde, com o desenvolvimento de desenhos rupestres<sup>1</sup> conceberam outra forma de comunicação, pela qual era possível cultivar as memórias e contar histórias.

Com a criação da fala e da escrita, a comunicação vai ganhando um *status* diferente daquela que tinha. Segundo a autora do “O Livro de ouro da comunicação”, Silvana Gontijo (2004) o desenvolvimento social e cultural estão intrinsecamente ligados com o desenvolvimento da linguagem. Os objetos concretos (e também os sentimentos) passam a ser nomeados, objetivando transmissão de conhecimento. Mais tarde as nomeações são passadas para o “papel” em forma de símbolos, ou seja, da escrita.

A invenção da escrita se deu no ano de 3200 a. C. na baixa Mesopotâmia, com a escrita pictográfica<sup>2</sup>. Posteriormente no ano de 3100 a. C. os egípcios deram início a escrita por hieróglifos<sup>3</sup>, utilizando-se do papiro, também surge à escrita cuneiforme<sup>4</sup> dos Sumérios que se espalha por todo o Oriente. A partir do ano de 1500 a.C começam a surgir os alfabetos, primeiro o alfabeto no Sinai, depois o cuneiforme consonantal<sup>5</sup> (1400 a. C.) e o alfabeto linear fenício<sup>6</sup> (1100 a. C.), o precursor do nosso alfabeto. O alfabeto com vogais só foi inventado no ano de 800 a. C. pelos gregos. Com este sistema era possível escrever qualquer palavra, além de traduzir em sinais todos os fonemas (GONTIJO, 2004, p.77).

No entanto, a invenção do papel se deu no século II pelos chineses e só mais

---

<sup>1</sup> Representações gráficas, feitas em cavernas por homens pré-históricos.

<sup>2</sup> É a escrita representada por desenhos ou figuras. Desenhos rupestres em cavernas.

<sup>3</sup> Escrita egípcia mais comum. Os hieróglifos eram desenhos que representavam ideias e conceitos.

<sup>4</sup> Escrita dos sumérios. Era feita com um objeto em formato de cunha, gravados em tabuas de argila.

<sup>5</sup> Alfabeto utilizado pelos ugaríticos, era uma língua semítica. A escrita era feita com a utilização de um objeto em formato de cunha, mas diferente dos sumérios cada sinal corresponde a um som.

<sup>6</sup> Alfabeto que deriva do ugarítico. Era composto 22 sinais, mas não representava vogais, sendo chamado de Abjad.

tarde foi descoberto pelos europeus, no século XII. Os chineses nesta época já utilizavam a xilografia<sup>7</sup>, utilizando caracteres móveis para a impressão de livros. O surgimento propriamente dito da imprensa foi com a criação da prensa com caracteres móveis de chumbo e com uma tinta especial criada pelo alemão Johannes Gutenberg, no século XV. Mas, antes é necessário entender porque a sua criação significou tanto para a humanidade.

Durante a Dinastia Carolíngia no século V, o rei dos francos, Carlos “Magno” foi o responsável pelo desenvolvimento cultural, conhecido como “Renascimento Carolíngio”. Nesta época os monges copistas (principalmente os monges da ordem beneditina) ficaram responsáveis pelas cópias de manuscritos antigos, livros religiosos e crônicas, preservando assim a cultura medieval ocidental. O trabalho minucioso da escrita e reprodução total de uma obra era muito demorada e os livros custavam muito caro.

Além disso, grande maioria da população era analfabeta, o que dificultava ainda mais o seu contato com os livros. O papel só foi fabricado na Europa no século XIII (França e Itália), o que possibilitou a impressão dos primeiros livros, no século XV através da técnica da xilografia<sup>7</sup>. Em meados do século XV Gutenberg inventou a prensa que, além de ter uma qualidade melhor de impressão, foi responsável pela reprodução em grande escala (produção em massa) de forma mais rápida, o que também possibilitou a impressão nos dois lados da folha. Gontijo (2004) afirma que até a invenção da prensa não era possível divulgar informações com rapidez.

Gutenberg iniciou, por intermédio do financista Johann Fust, a impressão da bíblia de 42 linhas (1.465 páginas), que foi o primeiro livro a ser impresso. A prensa logo se espalhou pela Europa, principalmente pela Itália (Veneza), considerada o maior centro tipográfico da Europa na época. Lá foram publicadas quatro mil edições até o ano de 1500. A prensa também possibilitou a divulgação de ideias de filósofos, intelectuais, poetas e também as de Martinho Lutero (e da Reforma protestante). Lutero formulou e publicou suas 95 teses denunciando a prática de indulgências e críticas a estrutura eclesiástica da Igreja Católica. Foi considerada a primeira campanha de propaganda. Esta situação levou repressão da indústria do livro.

---

<sup>7</sup> Processo de impressão que tem como base a utilização de uma matriz de madeira.

A perseguição aconteceu de diferentes maneiras: proibição de publicar, de vender ou importar certos livros, de ler edições em língua vulgar, autos-de-fé de livros. Autores, impressores e livreiros eram presos ou condenados à morte (GONTIJO, 2002, p. 184).

Na segunda metade do século XV surgiram os serviços postais devido às necessidades políticas e do comércio (o comércio teve seu ápice de desenvolvimento entre os séculos XV e XVI). Nesta época também foi criada a rede dos correios reais por Luis XI. No século XVI, membros da burguesia mercantil, que podiam pagar o preço das informações, criam seus próprios sistemas de notícias. Contratavam correspondentes no exterior que mandavam as notícias através dos mensageiros, que por fim levavam as informações utilizando-se de diversos meios de transporte (GONTIJO, 2004, p. 204).

Contudo, a maioria das pessoas não tinham condições financeiras para pagar pelas notícias coletadas por agentes, para este público surgem as notícias impressas, que eram populares e baratas, possibilitando o avanço no consumo desses meios de comunicação. Segundo Gontijo, as notícias impressas mais antigas foram publicadas na Itália no ano de 1470. As notícias impressas também tiveram influência na criação da opinião pública, dentro da concepção moderna, e na transformação dos leitores em público.

Apesar do grande número de analfabetos e das dificuldades dos transportes, e mesmo antes da chega dos jornais periódicos, a circulação de notícias impressas foi rapidamente se transformando num poderoso veículo de comunicação. Logo as lideranças políticas se deram conta de sua força e trataram de descobrir formas de exercer vigilância e controle sobre esse fenômeno (GONTIJO, 2004, p. 205).

Os jornais periódicos só surgiram no século XVII na Europa Ocidental, com a disseminação da prensa. As notícias publicadas eram geralmente sobre a Europa, algumas sobre a Ásia e a América. Sofriam forte censura e tinham leis severas para o seu funcionamento, pois na época os jornais precisavam de permissão real para publicar e alguns assuntos eram proibidos. Os principais jornais periódicos da época foram *Avisa Relation Oder Zeitung* (Alemanhã), *Gazette* (França), *Nieuwe Tijdingen* (Bélgica) e *London Gazette* (Inglaterra).

O desenvolvimento dos jornais periódicos (e do jornalismo) se deu principalmente na Inglaterra, na França, na Alemanha e mais tarde nos Estados

Unidos. A Revolução Industrial, que teve seu início no século XVIII, foi o ponto de partida para o desenvolvimento da imprensa como um produto industrial e, a partir daí, os jornalistas tornaram-se uma categoria profissional. Na iminência da Revolução Francesa (1789), a França passou a concentrar um grande número de jornais. Em 1788 circulavam 2500 jornais pelo país, que em sua maioria defendiam a ruptura com o regime despótico e a criação de uma república, e tinham a necessidade de formar opinião pública.

No século XIX, os jornais se consolidaram como o maior meio de comunicação e, nesta fase, o caráter do jornal impresso começa a ser modificado. A criação do telégrafo (1840), desenvolvido por Samuel Finley B. Morse (código Morse), possibilitou que as notícias fossem transmitidas rapidamente para lugares distantes, tornando a comunicação mais ágil e as notícias mais atualizadas. No mesmo século, Alexander Graham Bell (1876), em uma tentativa de aperfeiçoar o seu telégrafo traz ao mundo o telefone, que também foi amplamente utilizado pelo jornalismo impresso, como uma forma de comunicação eficiente. Também neste século a fotografia começou a fazer parte das publicações periódicas e a Alemanha foi o primeiro país a publicar revistas ilustradas.

Segundo Nelson Werneck Sodré, em Seu livro “História da Imprensa no Brasil” (1999) a imprensa se desenvolveu juntamente com o capitalismo, a partir da inserção de publicidade em periódicos. As primeiras publicidades foram utilizadas em periódicos da Inglaterra no século XVII, e foram utilizadas para anunciar principalmente livros e remédios. No século XIX, a publicidade tornou-se um hábito entre os jornais, e os impressos franceses foram os primeiros a publicar anúncios com apresentação gráfica destacada. Segundo uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) em 2012, 70% da receita do meio jornal vem da publicidade, por isso podem ser vendidos a preços baixos.

As mudanças no padrão de vida das pessoas, e o “surto” da educação, aumentaram o público dos jornais e a clientela de anunciantes. Para dar conta do mercado foram necessários a invenção de novas formas de impressão e de transportes mais eficientes para entregar os jornais. Ainda no século XIX os empresários descobrem o potencial comercial dos jornais impressos.

O desenvolvimento das bases da produção em massa, de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população

ocidental e sua concentração urbana; paralelamente a produção ascensional provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância a propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias (SODRÉ, 1999, p. 3).

Nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer e Willian Randolph Hearst criaram jornais destinados à massa. Esses periódicos, de parágrafos curtos e manchetes grandes eram designados ao público recém alfabetizado. Estavam recheados com fofocas, escândalos e crimes, que faziam aumentar a tiragem. Assim, surgiram os jornais populares a preços acessíveis, como o *New York Sun* fundado por Benjamin Day em 1833. Este periódico durante quatro anos manteve a tiragem em 30.000 exemplares diários e as páginas dobraram de tamanho para publicar uma gama cada vez maior de anúncios (SODRÉ, 1999, p. 3).

Durante a guerra contra o México em 1848, foi fundada a corporativa *New York Associated Press* que, posteriormente, se tornou a *National Associated Press*. A corporativa trocava notícias norte-americanas pelas européias. A partir da segunda metade do século XIX havia uma disputa entre as agências de notícia, tanto relacionado à informação, opinião e a publicidade (SODRÉ, 1999, p. 4). Os países comunistas (que surgiram no século XX) também utilizaram o poder da imprensa, mas os jornais eram utilizados para dar voz ao partido, “criados” para o povo (GONTIJO, 2004, p. 229).

O rádio se consolidou como um grande meio de comunicação na década de 1920, e cerca de 50 países já possuíam este novo meio de comunicação. Com o advento do rádio, o jornalismo impresso precisou passar por mudanças para concorrer com a instantaneidade do rádio, que foi o primeiro meio de comunicação a veicular mensagens “ao vivo” (como por exemplo o naufrágio do Navio Titanic). Os periódicos, diferentemente do rádio, não podem publicar uma notícia de forma instantânea, pois é necessário escrever, editar, imprimir para só depois publicar, sendo que os acontecimentos de um dia são publicados apenas no exemplar do dia seguinte. Desta forma, os jornais passaram por uma reformulação gráfica, para deixar o formato mais atraente e o número de matérias aumentou, para uma cobertura mais ampla e profunda dos acontecimentos (GONTIJO, 2004, p. 368).

Da mesma forma, em 1930 ocorreu a primeira transmissão televisiva. Em 1950, década conhecida como a “Era de Ouro da Televisão”, este meio ocupava grande espaço nas casas e vidas das pessoas, somente os Estados Unidos tinham 4,4

milhões de aparelhos televisores. O rádio entra em crise e o jornal tem mais um concorrente. Além de som, instantaneidade, a televisão prende o público/telespectador com imagens.

Os jornais impressos investiram em cores e em tecnologia como a impressão em *offset*<sup>8</sup>, o conteúdo do jornal passa a ser mais curto e objetivo (como a mensagem televisiva), para atrair mais leitores. Mas com a propagação das novas tecnologias e da cibernética, as empresas de jornalismo impresso, durante os anos de 1990 e 2000, começam adquirir equipamentos mais sofisticados e também a produzir versões *online* dos jornais impressos (como *sites* e portais em rede). No final dos anos 1990, estima-se que existiam 700 *sites* na *internet*. Assim, os jornais periódicos também podem de certa forma, atender ao caráter do instantâneo com cobertura de acontecimentos em tempo real, mesmo que aconteçam do outro lado do mundo.

---

<sup>8</sup> Processo de impressão planográfico, ou seja, a matriz é plana. A impressão ocorre por intermédio da repulsão entre a água e a gordura (tinta gordurosa). Pode tanto imprimir folha por folha, quanto uma bobina de papel.

## 1.1 A SEGMENTAÇÃO DE LEITORES E A IMPRENSA FEMININA

Mesmo não havendo distinção de segmentação, pode-se considerar que a imprensa surgiu para o público masculino. Na verdade, os impressos se voltavam “genericamente” ao homem, pois as mulheres não tinham direitos a educação e poucas sabiam ler e escrever. Os jornais, definidos genericamente de “imprensa geral”, eram uma publicação quase exclusiva para homens das classes mais altas, pois estes tinham acesso à educação.

A imprensa feminina surge no século XVII, sendo que este foi o primeiro passo para a segmentação de públicos. Até o século XIX somente as mulheres das classes mais altas tinham a possibilidade de entrar em contato com estas publicações. A imprensa masculina só se consolida após a feminina. O primeiro jornal impresso dedicado as mulheres foi o inglês *Lady's Mercury*, fundado em 1693. No Brasil a imprensa voltada à mulher se inicia por volta do ano de 1820 (século XIX). Essas publicações tiveram um importante papel na formação do pensamento feminino, e sua principal função era educar a mulher para seu papel de mãe e esposa. A primeira publicação brasileira feminina, segundo o livro *Imprensa Feminina* (1990), de Dulcília Buitoni, foi a *Espelho Diamantino* (1827) e em 1832, nasce o primeiro jornal brasileiro feminino *A Fluminense Exaltada*.

Durante o século XIX e início do século XX, a imprensa feminina tinha duas direção bem definidas: a primeira era de cunho tradicional e tratava dos assuntos da vida doméstica, bailes, moldes de vestuário e condenava assuntos fora do lar. A segunda era de vertente feminista que defendia os direitos da mulher como o direito ao voto e a educação. No Brasil é a partir de 1970 que surge uma imprensa feminista, voltados às lutas de igualdade de gênero. Algumas reivindicações femininas tomaram corpo na França, durante a Revolução Francesa, em 1789. Além de exigirem direitos políticos, também lutavam por outros

[...] existe registro da luta das mulheres pelo direito ao alistamento na carreira militar e ter acesso às armas, na defesa da revolução [...] as mulheres iniciaram uma batalha histórica em torno do direito de participar ativamente da vida pública, no campo do trabalho, da educação e da representatividade política (GURGEL, 2010, p. 1).

A partir do século XIX a luta das mulheres era calcada na questão da liberdade e igualdade. Buscavam direitos civis e políticos, como a garantia do voto, da educação e do trabalho. A segunda etapa deste movimento surge no século XX, com a Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres assumiram trabalhos fora de casa. O ambiente, e também as mulheres ocidentais (em sua maioria), passaram por mudanças drásticas.

No século XIX as publicações femininas estavam bastante ligadas com a literatura e folhetins, a moda, a culinária e dicas de beleza (longe da factualidade e com caráter de entretenimento). Segundo Buitoni, em seu livro “Mulher de Papel” (2009), a imprensa feminina parece tratar de assuntos neutros, mas na verdade é muito ideológica, veiculando conteúdos fortes. Os jornais e revistas femininas tinham (e ainda têm) características bastante marcantes. Dentre elas se destacam os assuntos atemporais (pautas frias) que tentam reforçar uma imagem de mulher perfeita, um modelo que deve ser seguido e copiado e que “pasteuriza” a mulher.

[...] ou seja, cria um modelo ideal de mulher e sugere que todas sejam como ela, tanto fisicamente quanto no comportamento. Para isso as matérias trazem sugestões de comportamento, vestuário, maquiagem, etc. As revistas tornam-se, para algumas mulheres, referências de suas vidas, de modo que passam a agir como sugerem as reportagens (RODRIGUES, 2004, p. 2).

Para isso, as publicações tendem a se utilizar das “dicas” como método para alcançar tal efeito. São dicas de beleza, de moda, de como cuidar dos filhos, de como agradar o marido e de como cuidar da casa. Desde muito cedo, segundo Simone de Beauvoir em seu livro “O segundo sexo”(1980), as meninas entram em contato com o ambiente narcisista da beleza. Isto também é uma das consequências das convenções sociais que diferem mulheres de homens.

Outro aspecto marcante é a recorrente utilização de matérias de serviço e entretenimento, pouco voltados para as realidades dos acontecimentos cotidianos, ou seja, a imprensa feminina não está ligada à factualidade, ou seja, não são temporais.



Mas antes de continuar é importante explicar que a segmentação de público, entre homens e mulheres, é uma convenção histórico-social. Beauvoir (1980) explica que ninguém “nasce mulher”, mas que a forma que a mulher assume na sociedade é uma questão de construção cultural. E isso, determina como a mulher é representada, e também os tipos de conteúdo produzidos para ela,

[...] nada é natural na coletividade humana e que, em outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se esta ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências estranhas, o seu corpo e a sua relação com o mundo (BEAUVOIR, 1980, p. 494).

As representações da mulher e a sua imagem na sociedade são construções sociais, que vem se modificando de forma lenta e gradativa, principalmente no ocidente. No entanto, ainda é muito comum relacionar a mulher à maternidade, ao trabalho doméstico e a educação dos filhos. Até porque, desde pequenas as meninas são presenteadas com bonecas, jogos de panela e até mesmo com maquiagens e adereço. Dificilmente são bolas de futebol, carrinhos, tiro ao alvo, entre outros brinquedos usualmente oferecidos aos meninos. As crianças não têm sua identidade afirmada, são as convenções sociais que as tornam “mocinhas” ou “homenzinhos”.

As sociedades constroem bens simbólicos, que compõem o imaginário e formam um conjunto de representações sociais. Podemos considerar que as práticas discursivas são idéias mediadas por situações concretas vividas pelos agentes sociais. Mulheres e homens desde a infância são bombardeados com uma série de ideais de feminilidade e masculinidade, através da transmissão de determinados “valores femininos e masculinos” preconizados pelo senso comum, pela educação, pela família, pela mídia. O senso comum é construído na cultura e parte do pressuposto de que a sociedade compartilha de um consenso cultural. Ele é uma forma simbólica, munido de valores e significados sobre homens e mulheres existentes na sociedade (CRUZ, 2008, p. 6).

É claro que essas convenções também interferem nos assuntos aos quais mulheres e homens estão inseridos. Os assuntos considerados “femininos”, geralmente estão determinados por questões do lar como gastronomia, moda, dicas de limpeza de casa, ou ainda as fofocas e vida das celebridades, temas “superficiais”. Já aos homens os principais assuntos são o futebol, a economia e assuntos com uma cotação “mais séria”. No entanto, nada impede de um homem gostar de ler sobre moda e uma mulher gostar de futebol.

Outras publicações, antes voltadas mais ao público masculino, também passaram a se adequar ao “universo feminino” com a segmentação. Os jornais criaram diversos cadernos para este público em ascensão, como os cadernos de moda e beleza, gastronomia, decoração, saúde, novelas e horóscopos. Entretanto, o surgimento da imprensa e da segmentação de públicos se deu de forma diferente nos diversos países, devido suas realidades socioculturais e históricas. Na verdade, o jornalismo impresso teve seu desenvolvimento mais assíduo nos países europeus como Inglaterra, Alemanha e França (e depois também nos Estados Unidos). Já no Brasil, a imprensa se instalou tardiamente por diversos motivos que veremos a seguir.

## 1.2 A IMPRENSA NO BRASIL

A imprensa brasileira se consolidou de forma tardia, uma vez que em Portugal (país colonizador do Brasil) os livros tinham caráter herético (eram considerados profanos pela Igreja Católica) e sofriam censura de três ordens: a Episcopal, a Inquisição e a Régia. No Brasil a imprensa surgiu muito depois que nos países latino-americanos colonizados pelos espanhóis. O México conheceu a imprensa em 1539 e o Peru em 1583 (SODRÉ, 1999). Os livros e gazetas, no Brasil, eram comprados clandestinamente nos portos.

A primeira tentativa de instalar uma tipografia<sup>9</sup> no Brasil foi em 1706, em Recife, pelo então governador Francisco de Castro Morais. O intuito era imprimir letras de câmbio e orações. Mas em 8 de junho do mesmo ano uma carta régia proibiu a instalação do material. Em 1746 a primeira tipografia foi instalada no Rio de Janeiro, por Antônio Isidoro da Fonseca. O impressor português conseguiu imprimir alguns materiais, porém em 6 de julho de 1747 uma Ordem Régia proibiu a impressão na colônia (Sodré, 1999, p. 17).

No Brasil o desenvolvimento da imprensa se deu em 1808, com a vinda da Família Real de Portugal. Trouxeram a primeira tipografia que funcionou “de fato”, e Dom João baixou um decreto (em 13 de maio de 1808) para a instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, juntamente foi criado um aparato de controle da informação. Somente após 15 anos da chegada da família real é que foram instaladas outras tipografias no país. O Brasil, agora sendo sede da corte, recebeu instituições reais como a Biblioteca e o Museu Nacional (Observatório da Imprensa).

No mesmo ano surgem dois jornais, o “Correio Brasiliense (ou “Armazém Literário”)), fundado em 1º de Julho. Esta foi a primeira publicação regular da língua portuguesa, fundado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Ela era mensal, editada e impressa em Londres, tinha caráter doutrinário e mais de cem páginas, sendo assim, de custo elevado. Já a “Gazeta do Rio de Janeiro”, criada em 10 de setembro, tinha caráter mais informativo com notícias principalmente da Europa, de início era semanal depois se tornou trissemanal e seu custo era baixo (SODRÉ, 1999).

Para Gontijo (2004, p. 286), os jornais do século XIX surgiram e desapareceram por questões políticas, mas ainda não tinham critérios

---

<sup>9</sup> O nome tipografia foi designado para denominar uma presa que se utiliza de dois tipos móveis.

específicos. Esta época ficou conhecida com “Imprensa áulica”, em que o Governo Joanino amparou diversos jornais nessa época, principalmente para fazer frente às páginas do Correio Brasiliense e combater as ideias contrárias ao absolutismo de Hipólito (SODRÉ, 1999). Os periódicos eram um espaço para defender as visões e opiniões dos seus proprietários, tendo desta forma caráter panfletário.

As reais condições da imprensa no Brasil só se alteraram de fato em 1821. No mesmo ano, um decreto determinou que cada impresso deveria passar por uma censura prévia. Para imprimir qualquer documento era necessário pedir autorização para a censura, e também à única tipografia permitida no Brasil era a da coroa. Após a fase da imprensa áulica, surgem diversos jornais independentes. Como por exemplo, o jornal “Diário Constitucional” (1821) na Bahia que foi o primeiro a defender os interesses brasileiros.

Ainda neste ano foram publicadas as primeiras publicidades em jornais, que em sua maioria anunciavam a venda e aluguel de imóveis, fuga ou venda de escravos, venda de carroças e, até mesmo, o serviço de profissionais liberais, como barbeiros e aulas particulares. Os jornais Mequetrefe e O Mosquito foram os primeiros jornais a publicar anúncios ilustrados, em 1875. Já em 1898 é lançado o jornal O Mercúrio, o primeiro impresso de propaganda comercial. Geralmente anunciava hotéis, lojas de confecção e remédios (GONTIJO, 2004, p. 299).

A pressão pela independência proporcionou o aparecimento de diversos periódicos e de uma imprensa política. O jornal Revérbero Constitucional Fluminense criado em setembro de 1821 e os panfletos do Visconde de Cairu, que circularam entre os anos de 1821-22, contribuíram para levar ao espaço público questões sobre a independência. Mas no outro lado jornais como A Malagueta (1821) e O Espelho (1821) defendiam a permanência de Dom Pedro I no Brasil. Esses periódicos foram responsáveis pela constituição da imprensa brasileira. Em 1823, foi promulgada uma lei que garantia os direitos de liberdade de expressão.

A imprensa se fez independente antes do próprio país, mais por falta de regras para o jogo democrático do que pelo esforço, através da pressão cidadã, para conquistar instrumentos legais que garantissem a liberdade de imprensa (GONTIJO, 2004, p. 283).

Durante o século XIX os jornais passaram a utilizar uma impressão manufatureira, podendo assim publicar sessões de moda ilustradas, pela instalação

da litografia. O maquinário “velho” era vendido a jornais menores do interior. Segundo Gontijo (2004), em 1880 existiam 74 periódicos no Rio de Janeiro, contando com Jornais, Revistas e Almanques. Com os temas polêmicos da abolição da escravatura e da criação da república em foco, a abordagem dos jornais eram em sua maioria sensacionalistas.

Outra característica dos jornais da época era o uso da literatura e muitos autores escreviam para os jornais, tais como Machado de Assis, Raul Pompéia e Joaquim Manuel de Macedo. Os jornais também buscavam a construção da nacionalidade e de uma identidade cultural do brasileiro, calcada na natureza e no índio como o “bom selvagem”. O jornalismo investigativo só veio aparecer mais tarde, neste contexto Gontijo (2004) considerava o jornalismo da época superficial.

Não é de se espantar que o povo não tomasse parte dos assuntos de governo. Se os jornais eram o meio de repercussão dos debates, no jogo político brasileiro eles só diziam respeito a elite, que maneja as peças no tabuleiro das questões do Estado. A “realidade” que as matérias transmitiam não eram nem de longe a que o povo vivia (GONTIJO, 2004, p. 297).

No século XX o caráter dos jornais começa a se modificar. Os periódicos se tornam empresas direcionadas ao seu público alvo, a opinião do leitor se tornou importante, visto que agora era necessário vender, e surgiram as revistas ilustradas semanais. As empresas jornalísticas adoram o telégrafo e o telefone, investiram em correspondentes e buscavam mais informações. Surgiram importantes jornais nessa época que resultaram em grandes empresas de comunicação como a Rede Globo e os Diários Associados de Assis Chateaubriand (GONTIJO, 2004, p. 304).

Na década de 1930, Getúlio Vargas decretou censura total dos meios de comunicação. Foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que ficou responsável por avisar quando um veículo contestasse o governo ou os seus interesses, colaborando para o desaparecimento do jornalismo político no Brasil. Segundo o livro “O mundo dos jornalistas” (1993), de Isabel Siqueira Travancas, durante a vigência do DIP 61 jornais pararam de circular no Brasil e mais de 420 não obtiveram registro de funcionamento.

Em 1945, o jornalismo brasileiro passa a receber influência do jornalismo norte-americano. Ditadura militar dos anos de 1960, surge a imprensa alternativa, ou conhecida como “imprensa nanica”. Os periódicos da época nasceram para fazer frente à ditadura. Esta fase foi responsável pelo aparecimento de cartunistas e chargistas e da metáfora jornalística (GONTIJO, 2004). Já nos anos 1970 o

jornalismo se tornou mais politizado, comprometido com a redemocratização do país. Denunciavam os horrores do regime militar e promoveram as eleições diretas. Destacam-se os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Mesmo sobre repressão, os jornais da época tiveram extrema importância no processo de redemocratização, e quando esta de fato foi alcançada, a imprensa passou por uma nova fase. Nesse momento foi importante para os jornalistas e para a população entender sobre a economia para acompanhar a era dos planos econômicos, fruto da dívida deixada pelos militares. Desde então este jornalismo foi se reforçando com o movimento pelas Diretas Já, o *impeachment* (itálico nosso) de Fernando Collor e a adoção do plano real (CAETANO et. at., 2011, p. 7).

### 1.2.1 JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

O jornal Tribuna do Paraná, que foi analisado neste trabalho nos meses de abril a junho (ao todo foram 76 exemplares), circula em Curitiba e Região Metropolitana de segunda-feira a sábado, exceto aos feriados. Atualmente é basicamente dividido entre os cadernos de esporte e segurança, sendo esses os carros-chefe do jornal.

A Tribuna do Paraná foi criada em 17 de outubro de 1956 na Editora o Estado do Paraná, por Francisco Camargo, Aristides Merrier e João Feder. Seu formato era *standard*<sup>10</sup>, utilizava a cor azul, tinha entre 24 e 32 páginas e era voltado principalmente para assuntos de esporte e política. O impresso só circulava no período da tarde, mas em 1958 começa a circular também no período da manhã.

Nos anos de 1960 o jornal passa a utilizar a cor vermelha, a qual usa até hoje em suas manchetes, e também cria o prêmio de cinema “Tribunoscope”, que tinha a participação de artistas internacionais. Em 1961 a editora O Estado do Paraná é comprada pelo então Secretário de Estado da Agricultura, Paulo Pimentel. Em 1973 a sede da editora sai da Rua Barão do Rio Branco (no Centro de Curitiba) e vai para o bairro Mercês, também na capital. Um ano depois, em 1974, se torna o primeiro jornal do Brasil a imprimir em *offset*.

No ano de 1985 foi o primeiro jornal do Paraná a publicar uma charge colorida de primeira página. Em 1986 o jornal muda de linha editorial, voltado à prestação de serviços e os títulos se tornam mais diretos. Dez anos depois a redação recebe os primeiros computadores. No início do século XXI (2002) o jornal passa por outra mudança na linha editorial. As reportagens buscam analisar o impacto da violência na sociedade e o caderno de esportes é chamado “De Letra”.

Em 2003, é lançada campanha “Você espreme sai notícia”<sup>11</sup>. Um ano depois o caderno voltado às mulheres (Tribuna da Mulher) passa a ser chamado de Tribuna Pop. Torna-se o primeiro jornal do Brasil a imprimir em *chapa CTP ultravioleta*<sup>12</sup>, em 2005. Com 50 anos de existência (2006), recebe o prêmio Colunistas como o veículo

<sup>10</sup> Formato de jornal impresso mais utilizado. A área total impressa é de 56 por 32 centímetros.

<sup>11</sup> Esta expressão pode fazer referência a expressão popular “Você espreme sai sangue”, com a qual os curitibanos denominaram o jornal Tribuna do Paraná, devido ao cadernos de segurança e as muitas matérias sobre violências. Pode ainda ser uma jogada de *marketing* para mudar essa visão com relação às jornais.

<sup>12</sup> A chapa CTP (*Computer-to-Plater*) ultravioleta é um processo de impressão em *offset* mais moderno e que utiliza gravação ultravioleta, dispensando o laser.

impresso do ano, e passa a circular no formato *beliner*<sup>13</sup>. Neste ano o caderno Tribuna POP recebe a editoria de entretenimento, com notícias de artistas e celebridades.

O jornal passa a ser impresso em chapa verde em 2010 o, que utiliza menos produtos químicos. A editoria de política recebe o nome de Segurança Pública e a editoria geral (Dia-a-dia) concentra as páginas de política, serviços, assuntos gerais, nacionais e internacionais. O Grupo Paranaense de Comunicações (GRPCOM) compra o jornal Tribuna em 2011.

Em 2012 o jornal recebe o projeto editorial “caçadores de notícias”, com reportagens sobre personagens reais dos bairros de Curitiba, também foi o último ano do “Campeonato Peladão”, que teve início em 1969, e reuniu mais de 500 times de peladeiros (jogadores de pelada), sendo o maior campeonato de pelada do mundo. Ainda no mesmo ano recebe o segundo prêmio Colunistas como o veículo impresso do ano. Este ano lançou a campanha “Nossa casa, nosso bairro”, e a página diária “Tribuna Delas” (TDelas), que também conta com um suplemento quinzenal. Os cadernos são segmentados por públicos, feminino e masculino, devido aos “interesses” (que como já mencionado anteriormente são convenções sociais) de cada um.

O jornal segue uma linha editorial popular e sensacionalista, e utiliza-se de uma linguagem mais acessível ao seu principal público leitor (classe BC). Além de apresentar títulos chamativos e atrativos (geralmente relacionados à violência e crimes), também publica imagens “fortes”, muitas vezes consideradas antiéticas, mas que ajudam a “vender” o jornal. Segundo o site do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM) o jornal se utiliza de

[...] textos curtos, com uma linguagem objetiva e frases fortes, a Tribuna atinge, principalmente, as classes BC. O conteúdo esportivo e o noticiário policial atraem o público masculino e as notícias do mundo das celebridades conquistam o público feminino.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Formato de jornal também conhecido como germânico, foi criado na Europa. Apresenta área total de papel de cada página é de 28 x 42 cm.

<sup>14</sup> Disponível em <<http://www.grpcom.com.br/unidades/tribuna-do-parana.html>> Acesso em 10 mar. 2013



Desta forma, o jornal apresenta dois cadernos direcionados ao público feminino. São eles o TDelas e o Tribuna POP. No caderno feminino TDelas têm-se matérias bastante diversificadas relacionadas a assuntos considerados de “caráter feminino”, como culinária e gastronomia, dicas de beleza, moda, tendências, decoração, saúde e mercado de trabalho. Toda segunda-feira o caderno TDelas fala sobre carreira, em matérias sobre “mulheres de sucesso”, também trata de assuntos sobre salário mais baixos para mulheres, mulheres no mercado de trabalho masculino (como soldadoras e mestres de obra). Além do mais o caderno feminino trata de temas como as relações sociais de mãe, esposa e relacionamentos amorosos, como por exemplo dicas para o namoro durar, como o exemplo abaixo:



IMAGEM 1- CHAMADA NA CAPA DO JORNAL TRIBUNA DO DIA 31 DE MAIO DE 2013, PARA A MATÉRIA SOBRE O DIA DOS NAMORADOS.

Ao se deparar com esta chamada, que saiu no caderno Tdelas do dia 31 de maio de 2013, volta-se à questão das dicas nos cadernos de jornais e revistas femininas. Como já comentado anteriormente, uma das características da imprensa feminina é a recorrente utilização de “dicas”. Nesta aqui, a dica é de como manter um relacionamento duradouro, ou como afirma o jornal, existem “fórmulas de sucesso”, para os empreendimentos da vida das mulheres, tais como relacionamentos amorosos, a educação dos filhos, a beleza física e também na limpeza da casa.

Novamente surge a questão de que a mulher é um “objeto para o outro”, como afirma Beauvoir (2009), e que por isso mesmo deve agradar. Através das dicas a mulher pode chegar o mais próximo possível desse estereótipo de mulher ideal, perpetuado pelos meios de comunicação. Outro exemplo de “dica” é o do título abaixo, que foi retirado do caderno TDelas do dia 8 de junho de 2013, é um dos exemplos de matérias relacionados a moda e tendências, que também ditam regras as mulheres.



IMAGEM 2 – CADERNO TDELAS DA TRIBUNA DO DIA 6 DE JUNHO DE 2013. O CADERNO TEM MATÉRIAS DE “CARATER FEMININO”.

A maioria dos assuntos relacionados à moda e beleza, usualmente são considerados de “caráter feminino”, visto que por uma convenção histórico-social (as primeiras revistas femininas eram voltadas a moldes e manequins) de que as mulheres gostam de ler este tipo de assunto. Segundo Beauvoir (1980) isto se dá devido as influências de educação e ambiente, sendo que nas meninas o narcisismo aparece de forma mais precoce, pois lhes é impostos pela sociedade.

Os assuntos relacionados à beleza física surgiram com a função de coerção social no lugar dos mitos da maternidade, da castidade, da domesticidade e da passividade, que foram perdendo sua força com as lutas feministas. Para Naomi Wolf, em seu livro “O mito da beleza” (1992) a “beleza”, é usada como uma repressão sexual que advêm do poder institucional dos homens e dita comportamentos e impondo um padrão físico que se origina de uma mulher ideal platônica.

Essa “beleza” utilizada como uma arma política contra a evolução da mulher é chamada por Wolf (1992) de “O mito da beleza”. Ele assumiu o papel de controle social e também trouxe uma preocupação exagerada com o físico, o medo de envelhecer, de engordar e de não conseguir, por isso, um relacionamento estável. O novo parâmetro de beleza universal tornou-se essencial para que a mulher possa ser bem-sucedida e feliz.

As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução (WOLF, 1992, p. 15).

Outro assunto tratado é a questão do medo do envelhecimento, e o fato de a mulher não ter chegado ao auge da carreira, da vida amorosa e familiar, ainda pesa na mente das mulheres do século XXI. Como mostra a matéria “Enfrentando os 30 anos”, publicada no dia 4 de maio de 2013.

momento de introspecção que traz à tona o sentimento de frustração e o medo de envelhecer.

Para Fernanda Sabino de Melo, analista em uma empresa de tecnologia, a vantagem da nova idade é ter mais experiência e segurança para tomar decisões. Já as desvantagens vão desde piadinhas dos amigos mais novos até a pressa de querer conquistar o que ainda não conseguiu. “Acho que os 30 anos pesam muito nos fatores vaidade, para umas, e status, para outras. Chegar a essa idade sem conquistas é muito frustrante. Eu, por exemplo, ainda não tenho filhos”, avalia.

Até completar 30, Fernanda pensava que a famosa crise era exagero, mas diz que sentiu na pele a mudança. “Passei o dia do meu aniversário na cama, nem telefone quis atender. Só meu namorado ficou comigo no dia”, lembra Fernanda. Para ela, além do conflito de ainda não ser mãe, há o temido medo de envelhecer. “O medo de envelhecer é terrível, mas é real”. Ela completa 32 anos na próxima quarta.

Para a analista de processos Andréia de Oli-

IMAGEM 3 – TRECHOS DA MATÉRIA “ENFRENTANDO OS 30 ANOS”, VEICULADA NO CADERNO TDELAS NO DIA 4 DE MAIO DE 2013.

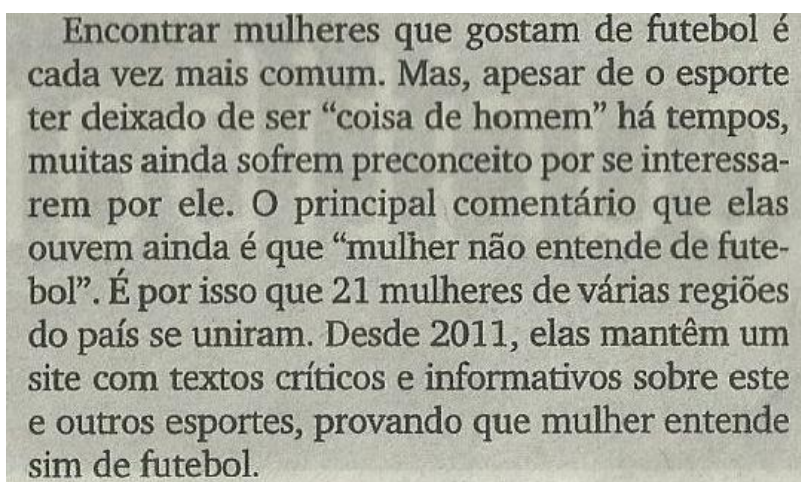
Outro título que chama a atenção é relacionado ao esporte “considerado masculino”.

Você entende  
de futebol?

IMAGEM 4 – TÍTULO DA MATÉRIA “VOCÊ ENTENDE DE FUTEBOL”, DO CADERNO TDELAS DA TRIBUN, PUBLICADO NO DIA 22 DE JUNHO DE 2013.

O título “Você entende de futebol”, parece, de uma forma inicial, avesso as mulheres, pois este esporte é famoso por ser “masculino”. O título também carrega um tipo de preconceito pela pergunta que faz. Por estar em um caderno “feminino”, essa pergunta tem uma conotação de que as mulheres, em sua maioria, não entendem deste assunto. Ou ainda, pelo próprio fato de a mulher ser considerada como incapaz de compreender o jogo, “simplesmente” por ser mulher.

Ao observar o título a primeira coisa que vem a mente é que a matéria é mais um texto querendo discorrer que as mulheres também sabem, gostam e jogam futebol. No entanto, após ler a matéria, entendemos que o foco é o preconceito contra a mulher que se interessa pelo tema.



Encontrar mulheres que gostam de futebol é cada vez mais comum. Mas, apesar de o esporte ter deixado de ser “coisa de homem” há tempos, muitas ainda sofrem preconceito por se interessarem por ele. O principal comentário que elas ouvem ainda é que “mulher não entende de futebol”. É por isso que 21 mulheres de várias regiões do país se uniram. Desde 2011, elas mantêm um site com textos críticos e informativos sobre este e outros esportes, provando que mulher entende sim de futebol.

IMAGEM 5 - TRECHOS DA MATÉRIA “VOCÊ ENTENDE DE FUTEBOL”, PUBLICADA NO DIA 22 DE JUNHO DE 2013 NO CADRENO TDELAS DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

A imagem 5, parte da matéria “Você entende de futebol”, mostra que o futebol foi considerado socialmente como “coisa de homem”, mas mesmo afirmando que isso não existe mais, a matéria se contradiz ao dizer que mulheres sofrem preconceitos quando se interessam pelo tema. De certa forma, o jornal tenta mostrar que a mulher também pode se “igualar” ao conhecimento masculino sobre o tema. Há uma expressão capciosa quando se afirma que existem cada vez mais mulheres que gostam de futebol. Sempre existiram mulheres que se interessavam pelo tema, no entanto, devido á uma rigorosidade na educação feminina, as mulheres se viram obrigadas a abdicar de muitas coisas, como por exemplo, estudar, trabalhar fora de



casa e mesmo praticar alguns tipos de esportes.

A matéria salienta que há um grande preconceito por parte da sociedade, com relação as mulheres que gostam de futebol, pois “futebol é coisa de homem”. Como já dito antes, as convenções sociais transformaram as mulheres em seres passivos e ao homem foram abertas as portas do futuro. O preconceito quanto a isso se deve em parte, ao receio de que a mulher queira disputar o lugar do homem. A principal justificativa pelo preconceito, é que “mulher não sabe jogar futebol”.

Na verdade, temas que relacionam preconceito e mulher são bastante comuns no caderno TDelas, como a mostram trechos da matéria “Mais chances no mercado”.

A crescente participação do público feminino no mercado de trabalho e nas grandes empresas tem levado cada vez mais mulheres a procurar cursos de capacitação e qualificação profissional nas áreas industrial e comercial. Elas não procuram apenas cursos tradicionais, como o de costura industrial. Algumas querem concorrer a vagas que antes eram restritas a homens. Outras buscam cursos para suprir suas necessidades na área de gestão e negócios quando conquistam uma posição de destaque na empresa.

IMAGEM 6- TRECHO DA MATÉRIA “MAIS CHANCES NO MERCADO”, DO DIA 27 DE MAIO DE 2013.

O parágrafo acima, afirma que para as mulheres há uma convenção de que os cursos tradicionais como corte e costura, cabelos e unhas, confeitaria e panificação, são profissões de “caráter feminino”, e que há uma modificação neste conceito quando elas buscam outros tipos alternativos de profissão. Outra coisa que chama atenção, é a palavra “concorrer”. Esta expressão leva a entender que as mulheres querem “roubar” o lugar que é de fato dos homens, como o da construção civil, por exemplo. É claro que este tipo de situação leva a preconceitos por parte da sociedade, pois por muito tempo as mulheres foram consideradas incapacitadas de realizarem trabalhos fora de casa, ou menos inferiores aos homens. Esta realidade só se modificou com o advento da Segunda Guerra Mundial.

As mulheres assumiram trabalhos fora de casa, no entanto, alguns deles

foram de forma convencional, designados a elas. Devemos levar em conta que tanto as mulheres, quanto os homens, são igualmente capacitadas de forma intelectual (e, apesar do físico diferir, isto não impede a mulher de realizar nenhum trabalho), para desenvolver quaisquer tipos de atividades. Não seria uma concorrência, e sim, o fato de que homens e mulheres são aptos a desenvolverem os mesmo trabalhos.

Em 2006, Angela era a única mulher da turma. Por conta disso, sofreu certo preconceito e ouvia de colegas homens frases como “você deveria estar lavando e passando roupa”. Mesmo assim, ela foi em frente e, depois de se formar, trabalhou numa serralheria. “Me encontrei na profissão. Meu objetivo era trabalhar numa petroquímica, na refinaria, então estudei e fiz cursos de qualificação para me aperfeiçoar”, conta.

IMAGEM 7 - TODA SEGUNDA-FEIRA O CADERNO TDELAS ABORDA O TEMA “CARREIRA”, FALANDO SOBRE PROFISSÕES, SALÁRIOS E AMBIENTE DE TRABALHO. MATÉRIA DO DIA 27 DE MAIO DE 2013.

O preconceito profissional não envolve apenas atividades consideradas masculinas. A atitude de dizer que uma mulher deveria “estar em casa, lavando, passando, cozinhando e limpando” é uma questão muito ampla, pois a mulher seria incapacitada ou indigna de trabalhar fora de casa, e que seu papel é o de mãe e dona do lar. Mesmo que o trabalho tenha diminuído a distância que separa homens e mulheres,

No entanto, em pleno século XXI, citações como as anteriores parecem não condizer com a realidade ocidental, na maioria, de que a mulher tem os mesmos direitos de estudar e trabalhar. E mesmo a matéria reforça o preconceito quando afirma que as mulheres querem “concorrer” com os homens, e não que estão tomando seu “lugar de direito” como cidadãs.

Novamente Beauvoir (1980) explica que esta situação é o resultado de anos de repressão contra a mulher e de uma educação voltada ao lar. Já os homens tem mais direitos e um certo tipo de obrigação de ser o provedor do lar.

Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa (BEAUVOIR, 1980, p. 27).

O outro caderno “direcionado às mulheres” é o caderno Tribuna POP, com notícias dos famosos, resumo de telenovelas, horóscopo, programação de cinemas e baladas e um caderno social com fotos de mulheres em eventos. Frequentemente este caderno tem na capa alguma foto de uma mulher famosa, muitas vezes seminuas ou até mesmo nuas. Nas páginas internas do jornal, as fotografias de nudez de famosas são bastante usuais.

O caderno é conhecido por publicar assuntos da vida das celebridades, ou as conhecidas “fofoca” que são assuntos considerados de “caráter feminino”, mas também carrega um tipo de assunto “voltado ao homem” por ter imagens de nudez feminina. Abaixo seguem alguns exemplos retirados do periódico.



IMAGEM 8 - MATÉRIA RETIRADA DO CADERNO POP DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ, PUBLICADA NO DIA 2 DE ABRIL DE 2013.

Ao ler a matéria percebe-se que o conteúdo a que se refere a uma artista famosa. Entretanto, este conteúdo não condiz em nada com a fotografia da atriz seminua. Desta forma, ressalta-se que o intuito de publicar imagens deste tipo, não

têm a ver com o que foi considerado de “caráter feminino”, mas sim aos “interesses masculinos”, pois a mulher seria o objeto a ser observado e comentado pelo outro. O título da matéria “pelos fundos”, também carrega uma conotação sexual, mesmo que o conteúdo da matéria não tenha relação com o sexo.



IMAGEM 9 - UMA NOTA DO CADERNO POP DA TRIBUNA DO PARANÁ, NOVAMENTE FAZENDO REFERÊNCIA A MULHER COMO OBJETO SEXUAL. NOTA DO DIA 18 DE JUNHO DE 2013.

A matéria anterior também está relacionada ao universo da vida dos famosos e famosas, mas como se percebe a maioria das matérias tratam de assuntos como a intenção das famosas em posar nuas, ou da beleza das “curvas” das “beldades”. Desta forma, a mulher também é representada como objeto sexual, em um caderno, (segundo o jornal) para “elas”. Segundo Beauvoir (1980), a mulher, principalmente na puberdade, passa a se perceber como um objeto para outrem.

O jornal Tribuna do Paraná reforça através das fotografias e imagens de mulheres, nuas e/ou seminuas, que a mulher é um objeto que deve ser visto e comentado pelo outro. De uma forma paradoxal, essas imagens estão em um caderno destinado às mulheres. É um jeito de reforçar a convenção social de que a



mulher é inferior ao homem, e que ela é um mero objeto, ou como diria Beauvoir a mulher torna-se “carne”.



IMAGEM 10 - A MATÉRIA ACIMA, DO CADERNO POP, TRATA DO POSSÍVEL FIM DA REVISTA “MASCULINA” PLAYBOY. O QUE PARECE PARADOXAL É QUE O CADERNO É DESTINADO AS MULHERES. MATÉRIA VEÍCULADA NO DIA 11 DE JUNHO DE 2013.

No caderno, outro assunto recorrente, refere-se a temas relacionados as revistas masculinas “Playboy” e a “Sexy”. Novamente a mulher aparece como objeto sexual, e que pode ser “usado” pelos homens, mesmo que através de revistas.

Ainda no caderno Tribuna POP, geralmente há um página destinada a eventos, na qual sempre têm fotos de mulheres em “baladas”, eventos e bares da região. Na maioria das vezes, as mulheres estão usando roupas curtas e “chamativas”.

14 **POP** Tribuna do Paraná  
segunda, 17.06.13  
pop@tribunadoparana.com.br

## Dicas

**Jennifer Lima - Interina**  
**Márcio Luiz - Interino**  
luizantonio@tribunadoparana.com.br

## Guia

### BAILÃO JUNINO

O clube **ATENAS Palace**, fone 3347-8989, convida a galera para curtir hoje, a partir das 15h30, um concorrido bailão junino, com animação da "Banda Luai".

### SERTANEJO NO RANCHO

O **RANCHO BRASIL**, fone 3284-4600, apresenta quarta, sexta-feira e sábado, a partir das 23h, o melhor da música country/sertaneja. Na quarta-feira acontecerá o "Esquema Country", que terá o embalo das duplas convidadas, do DJ Marcelo, da Cia. de dança Prada e mais a "Banda Rancho Brasil". Não deixem de conferir...

### SISTEMA X

fone 3279-1109  
O Promove amanhã, a partir das 23h, mais uma animada "Terça Vip", com cerveja liberada até as 2h (da manhã) e mais os DJs residentes.

### ARMAZÉM UNIVERSITÁRIO Pub

fone 3035-4046  
O Em São José dos Pinhais, a dupla "Álvaro & Daniel" volta ao palco para comandar amanhã a "Terça dos A-tistas", a partir das 20h.

### APOTHEOSE

fone 3285-2135  
O Convida para prestigiar sexta-feira, após as 23h, a "Sexta Rock'n'Roll", ao comando do DJ Tank. No sábado acontecerá a "Festa Electric Energy".

### PULSE Clube

fone 3324-3015  
O Abre sábado, a partir das 23h, para a festa "Absolutamente Furk-Ladies Free" com a participação das "Sexyladies" e os DJs Mascoty e MK.

### Eleição no Graciosa

O **GRACIOSA Country Club** realiza hoje, das 16h às 21h, a eleição da diretoria para 2013 a 2015. Em chapa única, o presidente João Carlos Ribeiro é candidato à reeleição. Integram a diretoria da chapa ainda Glaucio Bley Filho, na vice-presidência, Ricardo Luiz Loures Canto (vice-presidente administrativo) e Alexei Afonso Schrappe Antoniuk (vice-presidente financeiro). Ribeiro apresenta seu nome para o cargo pela quinta vez. "O fato de não haver chapa de oposição mostra a aprovação de que estamos trilhando o caminho certo na condução dos destinos do nosso querido clube", comenta Ribeiro. "Mesmo assim, contamos com a participação de todo o quadro associativo para celebrar este momento".  
E falando em eleição, o presidente Wilfrid Schiller, do **Clube RIO BRANCO**, acaba o ser reeleito para cumprir mais uma gestão frente a centenária entidade. A posse está marcada para o dia 19 de julho.

### NOITE DA RESSACA

Um bom programa para hoje, às 20h, é a "Noite da Ressaca" do **CRYSTAL Music Hall**, fone 3363-4171, que contará com fina mesa de antepasto e animação da "Banda LeFigarrou" e do DJ Japa.

### SEGUNDA NOBRE

A **SOCIEDADE UNIVERSAL**, fone 3332-0306, realiza hoje, a partir das 15h30, a tarde dançante "Segunda Nobre", com mesa especial de antepasto e a boa música de Luiz "Japa" Adega.

### TARDE DANÇANTE

A diretoria da **Sociedade ÁGUA VERDE**, fone 3242-1925, promove uma tarde dançante na quinta-feira, após as 15h30, ao som da "Banda Stylus" e o grupo Bela Vista.

### "TERÇA INSANA"

O fenômeno teatral "Terça

Giovana, Fabiana, Rosi, Franciele, Leticia e Viviane no concorrido jantar dançante "Quinta pra mais de 30" do Crystal Music Hall.

Bruna Krainski, da Cia. de dança "As Delicats", prestigiou noite sertaneja do Armazém Universitário, em São José dos Pinhais.

Natalia Artigas, Hellen Ramin e Jullia Ramos esbanjaram animação nas boas promoções sertanejas do bar Rancho Brasil.

## NOVELAS

### 17h30 Malhação Globo

Lia avisa a Raquel sobre o sumiço de Tatá. Raquel não permite que Lia pule o muro do colégio e orienta a filha a esperar por Mathias. Bruno pede que Fatinha o avise com antecedência quando decidir organizar uma festa no seu novo apartamento. Clotilde se incomoda com o scm da festa de Fatinha. Ju avisa à Lia que Tatá foi visto no banheiro do Duarante. Mathias autoriza Lia a pular o muro da escola. Severino e Lia resgatam Tatá. Clotilde invade a festa de Fatinha e as duas acabam discutindo.

### 18h Flor do Caribe Globo

Cassiano tenta convencer Ester de que não existe nada entre ele e Cristal. Mas os dois acabam discutindo. Carol confessa a Natália que gosta de Lino. Lindaura alerta Ester sobre o mal que o crime pode trazer para a relação da filha com Cassiano. Juliano conta a Quirino que vai propor casamento para Natália, e pede ao pai que não conte a Doralice. Lino fica feliz ao ver sua foto na capa da revista e beija Carol. Amaralina convoca Duque e Cassiano para explorar sua mina.

### 19h Sangue Bom Globo

Irene foge de Plínio. Bento pece que Malu entregue a Amora o postal de Simone. Damáris avisa que vai ao evento na Para Sempre e Vinny se desespera. Charlene comanda a organização do casamento. Renata invade a gravação do Luxury. Bento fica furioso com Sueli Pedrosa. Filippinho rouba a cena ao chegar ao casamento. Renata ameaça mostrar o vídeo de Tito se Lara não terminar o romance com ele. Plínio exige que Fabíinho se afaste de sua família.

IMAGEM 11 - O CADERNO POP TAMBÉM TRAZ NOTÍCIAS SOBRE A VIDA SOCIAL EM CURITIBA, DICAS DE BALADAS, CINEMAS, RESUMO DE NOVELAS, HORÓSCOPO E OUTROS. JORNAL DO DIA 17 DE JUNHO DE 2013.

Na verdade o "caráter feminino" do caderno é a questão de ser publicado, nessas mesmas páginas, notícias das celebridades, horóscopo, resumo de novelas e dicas de "baladas" e eventos. Como já citado, esses assuntos foram considerados femininos, devido à convenções histórico-sociais do papel da mulher, como mãe, "dona de casa", que assiste novela e gosta de fofocar sobre famosos.

Já o caderno Triboladas do jornal Tribuna do Paraná, apresenta um "caráter masculino", pois sempre é publicado fotos de mulheres geralmente nuas, e piadas muitas vezes relacionadas a mulher. Geralmente o Triboladas é veiculado em apenas uma página do jornal, que vem antes dos cadernos femininos POP e TDelas. Em sua maioria, as fotos das mulheres do caderno Triboladas, apresenta



mulheres jovens, bonitas e magras, em poses sensuais. Sendo assim, o jornal também cria um estereótipo de mulher bonita, uma modelo ideal de mulher que “agrada ao homem” em sua função de objeto. A seguir, um exemplo retirado do próprio jornal Tribuna do Paraná, foco da presente pesquisa.



IMAGEM 12 – FOTOGRAFIA PUBLICADA NO CADERNO TRIBOLADAS NO DIA 2 DE ABRIL DE 2013. IMAGEM RETIRADA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

Desde a sua criação o jornal lançou diversos eventos e concursos, dentre eles podemos ressaltar o evento, “Volta do Paraná e Santa Catarina” (1965), “Campeonato Peladão” (1969) Em 1981 lançou o concurso de piadas da coluna “Triboladas” em parceria com a *Brahma*<sup>15</sup>, os prêmios eram dados em cerveja, assim como o concurso da melhor foto da turma do boteco (1982). Segundo dados do jornal, as mulheres representam somente 37% dos leitores do jornal, de um total de

<sup>14</sup> Marca de cerveja da indústria Ambev (Companhia de bebidas das Américas), quarta maior cervejaria do mundo.

273 mil leitores. As classes econômicas que mais lêem o impresso são as classes B (51%) e C (41%). A maioria dos leitores têm entre 20 e 49 anos. Quanto à escolaridade, 35% dos leitores têm ensino médio completo (maioria) e 11% têm ensino superior. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC) a circulação do jornal é de 15.494 exemplares e a tiragem 23.581 (dados de março de 2013).

A partir destes dados podemos afirmar que o jornal é, em sua maioria, lido por homens e, a partir disto, podemos ressaltar que ele contempla os interesses “considerados masculinos”; e que as mulheres são representadas no jornal de uma forma voltada aos homens, pois elas são tratadas como um objeto de violência por exemplo. Desta forma, o presente trabalho pretende analisar a representação da mulher como uma construção social, do jornal em questão. Para tal, serão avaliadas as maneiras de como a imagem da mulher é publicada no jornal, focando as violências físicas e sexuais.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA: SEMIÓTICA UMA TEMÁTICA ANTIGA

Para analisar os 76 exemplares do jornal Tribuna do Paraná, a metodologia empregada foi à semiótica peircena. Através da interpretação dos signos – matérias, reportagens e fotografias selecionadas – buscou-se entender, através dos estudos de Charles Pierce, como a mulher é representada no jornal analisado nos assuntos que remetem a mulher e as violências física e sexual.

A temática estudada pela semiótica, o estudo que trata dos signos e da maneira com eles se relacionam, não é recente. Na Grécia antiga já havia preocupação com a definição de signo. Os pós-socráticos, Platão e Aristóteles, se destacaram nas considerações acerca do tema, desta forma, podemos considerar que esta tática é tão antiga quanto o pensamento filosófico (FIDALGO, 1998, p. 9).

Para Platão, o mundo real era uma imitação do mundo das ideias<sup>16</sup>, ambiente intangível para o indivíduo. Sendo assim, os signos verbais, os naturais e até mesmo os convencionais seriam apenas representações incompletas da verdadeira natureza das coisas (NÖTH, 2003, p. 28). Em seu modelo, o signo tem uma estrutura tríadica cujos componentes são: o nome, a noção ou idéia, e a coisa à qual o signo se refere.

Na concepção platônica, o conteúdo significativo das ideias era alcançado pela palavra no processo dialético de conhecimento (seu estudo era restrito aos signos verbais). Platão definiu quatro níveis de conhecimento, o nome, a definição, a imagem e a ciência, sendo este último o ápice do processo de conhecimento (FIDALGO, 1998, p. 10).

No entanto, ele afirma que o conhecimento não é suficiente para conceber a essência das coisas, mas apenas se aproximar dela. Para Platão o estudo das palavras não revela a verdadeira natureza das coisas.

Portanto, quando algo se apresenta a alguém na forma de um signo verbal, Platão conclui que o conhecimento que se pode apreender desse

---

<sup>16</sup> Entidades objetivas que além da mente, têm realidades em um campo espiritual, além do indivíduo (NÖTH, 2003).

algo” é inferior ao conhecimento que se conseguiria pelo contato não intermediado com tal algo (BARBOSA; DESCARDECI, 2012, p. 5)

Aristóteles, por sua vez, acreditava em um mundo perceptível sensorial, em que a linguagem vinha do convencionalismo. Seu estudo se relaciona à retórica e a lógica, pela qual o processo de conhecimento se realiza intermediado pelos signos. Iniciou ainda a distinção entre o signo incerto (*semeion*), aquele que não tem uma definição clara, compreendendo várias interpretações, e o signo certo (*tekmerion*), que compreende apenas uma significação.

O modelo estóico do signo surgiu entre 300 a.C e 200 d.C e também tem uma base triádica, em que o signo apresenta três componentes básicos: Significante (*semaínon*) que é entendido como uma entidade material percebida como signo, significação ou significado (*semainómenon* ou *lékton*) uma entidade ideal (não-corporal); e evento ou objeto, entidade(s) material(is) ao qual o signo se refere (*tygchánon*). Ligada à lógica, a teoria estoicista considerava o processo de cognição como algo mecânico, e também reconhecia que o receptor tem a capacidade de antecipação, quando já existirem imagens e conceitos na mente dele.

Em contraposição aos estóicos, os epicuristas desenvolveram um modelo diádico de signo, utilizando-se apenas do significante, imagem captada pelo observador, e do objeto, ambos entidades materiais (concepção de signo era materialista). Para os epicuristas o objeto envia a mente do observador “átomos icônicos” que, por sua vez, compõem uma nova imagem, denominada fantasia. (BARBOSA; DESCARDECI, 2012, p. 7).

Entre os anos de 354 d.C a 430 d.C, Santo Agostinho estudou os signos de uma forma geral, não apenas se preocupando com a questão da linguística, mas estendendo seus estudos para signos verbais e não-verbais. Em sua tese considera que as palavras representam sinais. Ele acreditava que os signos revelavam a vontade de Deus.

Agostinho dispõe de uma série de observações interessantes e modos de visão originais sobre o fenômeno da linguagem. A sua intenção, contudo, não reside no desenvolvimento de uma filosofia sistemática da linguagem. Ao fundo, encontra-se, antes, a sua pretensão teológica de comprovar a presença de uma realidade divina no nosso falar e pensar (HORN, 2004, p. 6).

Desenvolveu suas ideias se relacionando tanto na teoria epicurista (reforçando o signo como uma percepção), neo-platonista, maniqueísta e estoicista. Contribuiu com a diferenciação do processo de comunicação e de significação, enfatizou o papel da interferência mental e afirmou que o processo de conhecimento é dinâmico. Também diferenciou signo natural, que já existia na natureza, e de signo convencional, criado e reforçado por uma lei ou convenção (usado no processo de comunicação).

A semiótica medieval, conhecida como escolasticismo<sup>17</sup>, estudava as funções semióticas de signo, símbolos e imagens, e foi deste período que surgiu a diferenciação entre conotação e denotação. A tradição escolástica durou até a Renascença e desenvolveu-se com bases teológicas, na gramática, dialética e retórica. Os teólogos estudavam as influências das imagens religiosas sobre os fiéis e a interpretação de textos bíblicos. Na idade média o modelo dos quatro sentidos era amplamente utilizado em textos da Bíblia.

No primeiro nível, os textos tinham um sentido literal ou histórico, que explicava o sentido das personagens, localidades e eventos, tais como apareciam na superfície do texto. No segundo, aparecia o sentido tropológico ou moral, que era a chave para a revelação do sentido que um texto bíblico deveria ter para a vida individual dos homens neste mundo. No terceiro nível, vinha o sentido alegórico, que se referia diretamente a Cristo e a Igreja. O quarto sentido era o anagógico e referia-se aos mistérios celestes que teriam lugar no futuro dos fiéis cristãos (NÖTH, 2003, p. 37).

Durante os séculos XVII e XVIII a semiótica se desenvolve com base em três importantes correntes filosóficas. Duas delas, o Racionalismo e o Empirismo, que se desenvolveram a partir das ideias de René Descartes (1596 - 1650), o qual acreditava que a estrutura de pensamentos e a razão são comuns a todos os homens, e o conhecimento intelectual se sobrepõe à experiência perceptual. Já os animais não têm linguagem e nem razão.

O Racionalismo optou por um modelo diádico de signo (duas entidades mentais) e buscava uma gramática racional universal, já o Empirismo britânico, (e as ideias semióticas) podem ser encontradas no pensamento de Thomas Hobbes, Francis Bacon e John Locke. Para Hobbes os signos verbais são nomes da nossa própria concepção. Criou assim, um modelo diádico e materialista.

---

<sup>17</sup> Filosofia fundamentada em Aristóteles e São Tomás de Aquino, seguida oficialmente pela Igreja Católica.

Já Bacon era cético quando a linguagem, mas investigava diversos signos como os gestos, hieróglifos e a escrita chinesa. Por último Locke, considerado inovador e a principal figura da semiótica da sua época, fez uma distinção entre duas classes de signos: as ideias, que é a representação das coisas na mente da pessoa, e as palavras, são signos das ideias na mente de um emissor. Para ele, os signos eram instrumentos de conhecimento, é uma posição individualista.

O Iluminismo é a terceira corrente que influenciou os estudos da semiótica durante o século das luzes, e os grandes temas tratados foram a hermenêutica, a epistemologia e a estética.

O tema principal da epistemologia semiótica foi o papel dos signos nos processos da percepção e a gênese dos signos. A hermenêutica – arte geral da interpretação enfatizou o papel dos signos no processo de compreensão dos textos. A estética teve como temática principal o papel dos signos naturais e artificiais ou arbitrários na percepção do belo (NÖTH, 2003, p. 46).

Os principais autores do Iluminismo francês foram Etienne Bonnot de Condillac (1715-1780) e o enciclopedista Diderot (1713-1784). Condillac desenvolveu o “sensualismo francês”, em que a semiose é um processo genético que parte da sensação e passa por outros níveis como a percepção, consciência, atenção, reminiscências (o signo só surge neste nível), imaginação, interpretação, memória e reflexão. Diderot estudou as diferenças entre comunicação verbal e não verbal, e acreditava que os gestos (estrutura tridimensional) são mais lógicos e mais expressivos que a linguagem verbal (unidimensional), que provoca distorções da realidade.

A semiótica do Iluminismo alemão teve início com a obra *Philosophia prima* (1720), de Christian Wolff, em um capítulo chamado De Signo. O autor do tratado da teoria geral do signo, de 1746, Johann Lambert (1728-1777), investigava como a cognição da verdade é influenciada pela linguagem e outros tipos de signos. Ele dividiu os signos em quatro tipos: naturais, arbitrários, meras imitações e representações (chamado hoje de iconicidade). Estudou 19 sistemas sógnicos, tais como: gestos, hieróglifos, signos sociais, astrológicos e naturais.

No século XIX, Friedrich Hegel (1770-1831) diferenciou signos e símbolos. A semiótica contemporânea teve na realidade três origens lançadas quase ao mesmo



tempo, nos Estados Unidos, na Europa e a outra na União Soviética. Mas a que importa para o presente trabalho é a semiótica norte americana, de Charles Sanders Peirce (1839-1914), considerado o pai da semiótica contemporânea. Peirce desenvolveu a corrente semiótica, ciência de “toda e qualquer linguagem”, mais voltada para a filosofia e calcada na fenomenologia. A partir de seus estudos, a semiótica ganha *status* de disciplina científica. Os estudos de Peirce serão melhor detalhados nas próximas páginas.

## 2.1 SEMIÓTICA PEIRCEANA

A semiótica (tradição norte-americana) foi criada pelo cientista norte-americano Charles Sanders Peirce, que nasceu em Cambridge (Massachusetts) em 1839. Como o pai, Benjamin Peirce (que foi na época o mais importante matemático de Harvard), estudou física e matemática em *Harvard University* e graduou-se em 1859. Também estudou química na *Lawrence Scientific School*. Lecionou na Universidade *Johns Hopkins* entre os anos de 1875 a 1884.

Peirce tinha interesse em várias áreas das ciências, não só nas exatas, mas também na filosofia, biologia, geologia, literatura, história, lingüística, psicologia e muitas outras. Começou a esboçar a semiótica e seu pragmatismo por volta de 1875 e continuou a aperfeiçoá-la até sua morte, em abril de 1914. Não publicou nenhum livro em vida, mas deixou uma extensa obra, sendo 12.000 páginas publicas em vida, e 80.000 manuscritos que após 20 anos da sua morte foi reunida em uma coleção chamada *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (apenas 5.000 páginas de seu imenso legado).

A semiótica de Peirce é considerada de forma simples, como sendo o estudo do processo de produção do signo, a semiose. Um ponto bastante importante para entendermos os estudos de Pierce é que ele acredita no axioma de que até mesmo os seres humanos são entidades semióticas, assim como as ideias e as cognições (PEIRCE, apud NÖTH, 2003, p. 61).

A semiótica não se limita ao estudo das línguas e dos sistemas convencionais de signos. Para Peirce, a semiótica deveria estudar qualquer tipo de linguagem, sendo elas verbais ou não. Para tanto é preciso diferenciar língua de linguagem. A língua de uma forma básica é a manifestação das linguagens verbal, oral e escrita, para nós representados nas formas da fala e do alfabeto. No entanto, há uma gama de diversos outros tipos de linguagem, como o dos gestos, das cores, da linguagem dos surdos mudos (libras), das imagens, dos sinais, dos sons, das artes, da música, e tantas outras. Assim podemos dizer que a linguagem é toda e qualquer forma de comunicação e orientação (SANTAELLA, 2010, p. 10).

Peirce concebeu a semiótica como o estudo da linguagem enquanto Lógica. Sendo assim, a semiótica tem o intuito de servir de base, ou seja, de fundação lógica para as ciências aplicadas. Segundo ele, nada pode ser estudado sem a lógica, o

seja, a semiótica. A lógica, como Peirce a concebeu, é outra denominação para semiótica e se desdobra em *gramática pura* que determina o que deve ser verdadeiro, a *lógica propriamente dita* o que é verdadeiro com relação ao signo para ser aplicada a um objeto e a *retórica pura* que estuda leis pelo qual um signo dá origem a outro signo.

Além do mais outro princípio que norteia os estudos da semiótica é o Pragmatismo desenvolvido por Peirce. O pragmatismo é uma corrente filosófica norte-americana, surgida em 1870, que tem como temática dualista a crença e a ação. Peirce formava juntamente com outros pensadores, como William James, “o clube metafísico”. No entanto, o pragmatismo concebido por Peirce não era uma corrente filosófica (ou uma “teoria da verdade”), mas era pensado como método de significação, para uma análise de resultados concebíveis possíveis que nos faz agir. Desta forma, o pragmatismo é

[...] um método lógico de análise dos conceitos, seu único objetivo é tornar nossas idéias claras, a partir daquilo que estamos em contato a todo tempo, i.é., a partir dos significados que afetam a nossa conduta. A essa exigência inicial do pragmatismo, cabe admitir que haja então um objeto que possa ser pensado e que existe de fato - ou seja, um mundo para fora do interpretante (SILVA; COSTA, 2011, p.22).

Para Pierce o pragmaticismo esta ligado com a Lógica (ou a semiótica), a Estática, e por fim, aponta a importância da Ética. Na verdade, o ideal estético seria o fim ultimo do pragmaticismo, e este “ideal” foi denominado por Pierce de “crescimento da razoabilidade concreta”. Peirce desenvolve a “Teoria dos Interpretantes Lógicos”, no qual existem três tipos de interpretante: o emocional, o energético e o em forma de hábito.

O pragmatismo, no entanto, necessita de um objeto de análise, embasada na experiência (categorias do pensamento), e esse objeto é o mundo. Sendo assim, há dois estados de mente necessários que possibilitam a ação: a crença fixa, que é um estado de mente de satisfação, e a dúvida, que nos impulsiona a chegar ao estado de crença. Este processo é denominado de inquirição. De forma simples, a dúvida nos leva a buscar uma crença, que por sua vez cria hábitos internos em nós e quando os hábitos são feridos, agimos. O hábito, que é um parâmetro de avaliação, é a fixação da crença.

Com a popularidade de pragmatismo no final do século XIX e começo do XX, Peirce que discordava com alguns pontos da interpretação que vinha sendo feita do pragmatismo, principalmente de William James e John Dewey, e resolve batizar suas idéias de *Pragmaticismo*.

Peirce passou a considerar que o erro de todos os pragmatismos, que se diziam inspirados no seu, estava em se fazer da ação a finalidade última do pensamento. Ao contrário disso, não é a ação em si, mas o desenvolvimento de uma idéia que é o propósito do pensamento (CP 8.211-212, Carta a Mario Calderoni, de 1905). A partir de então, ele foi elaborando sucessivas formulações mais adequadas e sofisticadas da máxima (SANTAELLA, 2004, p. 77).

O modelo de signo na semiótica peirceana é triádico, representado por signo/*representamen*, objeto do signo e interpretante.

[...] um signo, ou *representamen* é aquilo que sobre certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, isto é, criada na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto (PEIRCE, 2009 apud CORREIA, p. 2, grifo nosso).

No entanto, as definições de signo e *representamen* são diferentes. Peirce formulou diversas definições de signo. Mas de forma simples podemos definir signo como algo que se organiza em forma de linguagem, seja ela verbal ou não. Já o *representamen* pode ou não ser um signo, ele só existe quando determina um interpretante atual, ou seja, quando significa algo para alguém. O objeto nos estudos de Peirce, é o que permite a interpretação em busca da verdade, ou seja, é o que possibilita o processo da semiose. É dividido em objeto imediato (representado pelo próprio signo) e o objeto dinâmico (que é o objeto tal como ele é).

Vale a pena ressaltar, ainda, que o interpretante é o processo pelo qual se cria um novo signo na mente de um intérprete, e esse por sua vez traduz o significado do primeiro, ou seja, o significado de um signo é outro signo (SANTAELLA, 2010, p. 59). O interpretante é dividido em três tipos nos estudos de Peirce, são elas o interpretante imediato, dinâmico e final, também conhecidos respectivamente por sentido, significado e significação. O interpretante imediato é o efeito que o signo produz imediatamente a mente, sem reflexão prévia, o interprete dinâmico é o efeito que o signo produz de fato no intérprete e o interpretante final é o resultado interpretativo produzido pelo signo sobre o intérprete.

A teoria semiótica de Peirce é mais voltada para a filosofia e calcada na fenomenologia, entendendo a filosofia como uma ciência e a fenomenologia como parte da ciência que investiga o processo de consciência dos fenômenos. Antes de qualquer coisa, é interessante definirmos fenômeno como qualquer coisa que esteja presente à mente do homem, ou seja, qualquer experiência, seja ela interna, como um sonho, ou externa como as matérias de jornal que analisamos neste trabalho. Devemos entender a semiótica como uma “lente de aumento” para interpretar o mundo (SANTAELLA, 2010, p. 33).

A fenomenologia se consolida como linha de pensamento (método) no século XX, mais precisamente em 1900 no livro *Investigações Lógicas*, de Edmund Husserl (1859-1938). Husserl, nasceu em Proznitz, na Checoslováquia, em 8 de abril de 1859. Nos estudos dedicava-se primeiramente à matemática (somente em 1884 começou a estudar Filosofia), e buscava estabelecer a filosofia em uma base sólida de racionalidade.

Para ele, a fenomenologia (ou doutrina universal das essências) é definida como o estudo dos fenômenos e caracteriza-se em dar uma descrição “pura” da realidade. É uma investigação que busca a essência das aparências, ou seja, daquilo que se tem consciência. Segundo ele, o fenômeno é tudo aquilo que se oferece ao olhar, a observação pura, e a fenomenologia é um estudo dos fatos e experiências que vem desta observação, sem preconceitos e de forma dinâmica, pois

[...] todos os conceitos, todos os termos, devem permanecer de uma certa maneira em devir, sempre prontos a se diferenciar conforme o próprio progresso da análise da consciência e do conhecimento de novos níveis fenomenológicos, no interior daquilo que já foi primitivamente reconhecido numa unidade não composta. Trata-se de ver, cada vez mais nitidamente, cada vez mais profundamente, descrevendo com toda fidelidade, os próprios fenômenos (GILES, 1975, p. 132).

Busca-se a interpretação do fenômeno através da consciência do sujeito e de suas experiências de mundo, que segundo Husserl, se dá através do método da redução fenomenológica, que se utiliza de uma série de reduções do fenômeno para se chegar a sua essência.

O método fenomenológico não é empírico nem dedutivo. Procura-se através da fenomenologia, a descrição de forma mais natural e espontânea do fenômeno, sem juízos prévios, preconceitos ou pressupostos, pelo sujeito que questiona, visando ainda eliminar a dicotomia experiência-razão no processo de elaboração do conhecimento.

Outro estudioso da fenomenologia foi o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), que se indagava sobre a questão do Ser. Heidegger foi assistente de Husserl na Universidade de Friburgo. Ele já tinha interesse pela obra de Husserl, *Investigações Lógicas*, da qual retirou suas bases da fenomenologia, mas Aristóteles também era seu “orientador de filosofar”, por ter formulado a teoria do Ser enquanto Ser. Ele se perguntava “De onde vem e como se determina, segundo o princípio da fenomenologia, aquilo que deve ser experimentado como a “coisa ela mesma?” (HEIDEGGER, 2009, p. 10).

Heidegger estudava, a partir da fenomenologia de Husserl, o homem do ponto de vista do seu ser, como “ser-no-mundo” ou “ser-aí” (em alemão a expressão correta é *Dasein*). Na verdade o “ser-aí” é o Ente que compreende o Ser, e o Ser humano é um “ente destacado”, pois tem a capacidade de questionar o Ser. Mais tarde, o filósofo, fez um desenvolvimento completo do Ser em geral.

Peirce chamou a fenomenologia de “doutrina das categorias”, pela qual ele desenvolve três categorias lógicas do pensamento e da natureza, inicialmente chamadas de “Qualidade”, “Relação” (que depois passa a ser denominada de “Reação”) e “Representação” (chamada mais tarde de “Mediação”). Contudo, Peirce decide por denominá-las finalmente de “primeiridade”, que corresponde ao acaso ou o primeiro pensamento da mente; “secundidade”, correspondente a ação e reação de fatos quando o signo “afeta” a mente; e “terceiridade” diz respeito à acaso ou o primeiro pensamento da mente; “secundidade”, correspondente a ação e reação de fatos quando o signo “afeta” a mente; e “terceiridade” diz respeito à mediação e a busca de significado, para enfim interpretarmos e representarmos o mundo. A partir das três categorias podemos afirmar que o signo é um primeiro, o objeto do signo um segundo e o interpretante um terceiro. É através dessa lógica que o homem interpreta um signo, traduzindo-os em outros signos, que Santaella explica

[...] o signo está numa relação a três termos que sua ação pode ser bilateral: de um lado, representa o que está fora dele, seu objeto, e de outro lado, dirige-se para alguém em cuja mente se processará sua remessa para um outro signo ou pensamento onde seu sentido se traduz. E esse sentido, e assim *ad infinitum* (SANTAELLA, 2010, p. 52).

Em 40 anos de trabalho Pierce desenvolveu dez tricotomias de signo (dez divisões triádicas), sendo que essas classificações são logicamente gerais, aplicáveis a qualquer assunto. Das dez tricotomias foram criadas 64 classes de signos e a combinação entre eles forma 59.049 tipos de signos. Para este trabalho vamos nos ater as definições de ícone, índice e símbolo, relacionados à ligação signo/objeto. As definições dos tipos de signo citados acima também entram na lógica triádica de Pierce.

O ícone, uma primeiridade, é um quase-signo mantendo uma relação de semelhança com o seu objeto. É contemplativo. Como exemplos podemos citar, imagens, pinturas e fotografias. Já o índice, que é uma secundidade, mantém uma relação direta com o seu objeto. Ou seja, é um todo existente, concreto que indica uma outra coisa com a qual esta realmente ligado, como pegadas na areia. E a terceridade, o símbolo, que através de uma lei determina que o signo é representante de seu objeto, sendo um tipo geral. Neste caso um exemplo são as palavras. No entanto, como explica Décio Pignatari, em seu livro *Semiótica e Literatura* (2004), os signos vivem em uma “guerra de classes”.

Ela se dá, basicamente, entre as categorias peirceanas da primeiridade e terceridade, entre o ícone da primeira e o símbolo da outra, entre o pensamento icônico ou não verbal e o pensamento simbólico ou verbal (PIGNATARI, 2004, p. 19).

Para este trabalho o que realmente interessa é a análise dos signos: ícone – aqui caracterizados como imagens e fotografias relacionadas à mulher e às violências física e sexual- e o símbolo como sendo as palavras que formam as matérias e notas selecionadas do periódico. A semiótica foi escolhida para ser a metodologia de pesquisa desta pesquisa, pois serve como uma “lente de aumento” que possibilita enxergar além daquilo que se vê, levando em consideração as experiências de vida de cada indivíduo. Outro fator que contribuiu para a escolha da semiótica peirceana foi devido ao seu uso em linguagens verbais e não verbais.

Para a análise do jornal, através da semiótica, foram selecionadas as matérias referentes a mulher e a violência física e sexual. A partir disso, a semiótica foi utilizada como uma lupa para poder ver o que estava escrito nas entrelinhas e também para interpretar as fotografias, quando essas tinham alguma relação com o tema proposto. No entanto, deve-se levar em consideração que cada pessoa pode interpretar as matérias e fotografias diferentemente, devido às suas visões de mundo.



## 2.2 SEMIÓTICA X SEMIOLOGIA

Antes de partimos para a análise propriamente dita do jornal Tribuna do Paraná, se faz necessária a distinção entre a semiótica e a semiologia. Essas duas grandes teorias gerais dos signos, semiótica e semiologia, são usualmente utilizadas como sinônimos, mas, no entanto, são duas tradições diferentes. Ambos os termos foram desenvolvidos entre os séculos XIX e XX, porém criados por autores diferentes.

Como já vimos, a semiótica foi criada pelo norte americano, Charles S. Peirce, e é uma teoria geral dos signos que abrange tanto os signos verbais quanto os não verbais. Já semiologia, de tradição européia, foi criada pelo teórico e linguista suíço, Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna.

Saussure nasceu em 1857 em Genebra, na Suíça. Estudava línguas como o grego, francês, alemão, inglês e latim. Em 1875, ingressou na Universidade de Genebra para estudar física e química, pois em sua família havia a tradição de estudiosos das ciências naturais. Após um ano decidiu estudar as línguas indo-europeias, na Universidade de Leipzig na Alemanha, aonde permaneceu por quatro anos. Posteriormente se mudou para Paris, aonde se tornou membro da “Société Linguistique de Paris”. Em 1891 retornou a Suíça e optou por seguir a carreira de professor e pesquisador de linguística, na Universidade de Genebra, na qual, dentre os anos de 1907 a 1911, Saussure proferiu seus três cursos de linguística que deram origem a semiologia.

Faleceu em fevereiro de 1913, aos 56 anos, e após sua morte a semiologia foi principalmente desenvolvida nas ciências humanas por intelectuais europeus como Lévi-Strauss e Roland Barthes, recebendo o nome de estruturalismo. A teoria de Saussure, que ficou conhecida como a linguística geral, foi constituída em torno do estudo das línguas humanas e o que há de comum entre elas.

Segundo ele, todas as línguas existentes no mundo estão sujeitas a mesma lei “psíquica”, pois esta é comum a todos os seres humanos, mesmo que cada língua tenha suas particularidades. No seu estudo, Saussure buscou leis gerais para as línguas, assim chamou o elemento estrutural de todas as línguas de signo linguístico composto por dois elementos (modelo diádico de signo): o significante e o significado.

Todos os seus esforços de pesquisas e reflexões teóricas voltaram-se para o objetivo de estabelecer as bases verdadeiramente científicas de uma teoria constituída exclusivamente em torno dos *atos da língua* como fenômeno comum a todos os seres humanos, independentemente das variações locais das falas particulares de cada povo ou de cada região do planeta (PUPPI, 2009, p. 70, grifo nosso).

Segundo Puppi, para Saussure a linguagem humana é um fenômeno heterogêneo e complexo. O linguista acreditava que a linguagem é um sistema de signos, que por sua vez são arbitrários, ou seja, o objeto representado e o signo não têm necessariamente uma relação, já que não há um vínculo natural entre os dois elementos do signo lingüístico: significante (que é uma idéia geral) e significado (imagem acústica). Ambos estão associados em nossos cérebros, mas o vínculo entre significante e significado é uma convenção social. Por exemplo, o cão recebe esta nomenclatura devido a uma convenção, mas poderia se chamar de qualquer outra coisa sem perder seu caráter, ele é cão porque não é outra coisa. É uma questão de diferenciação.

A linguagem é dividida em língua (*langue*) e fala (*parole*) por Saussure. A língua é o mais complexo sistema de signos, de vários outros classificados no que ele chama de fatos humanos, que independe do indivíduo. Além do mais, a língua seria um sistema formal e abstrato, determinado por um grupo social, em que o indivíduo se faz compreender e pelo qual ele compreende o mundo a sua volta. Já a fala é um ato individual, ou seja, é um mecanismo psicofísico pelo qual o falante realiza, através de combinações, o código da língua. Portanto língua e fala são inseparáveis e de igual importância.

O linguista também faz a distinção entre o estudo do sistema lingüístico como um estudo sincrônico, sem referência ao tempo, e o diacrônico, que é o estudo da evolução da língua. Saussure dava prioridade ao estudo sincrônico, pois segundo ele, a análise da língua não parte de um princípio histórico, visto que é a fala que pode modificar a língua, através de inovações (palavras novas e novos sentidos as palavras já conhecidas), caso seja acolhida pela coletividade. No entanto, isso não quer dizer que Saussure ignorasse o fato de que a língua é histórica, mas que o estudo diacrônico da língua não seria relevante, pois não é o sistema lingüístico que produz esta mudança.

Assim como Peirce, não deixou nenhuma obra em vida, porém em 1916, Charles Bally e Albert Sechehaye juntaram fragmentos de anotações de alunos dos

três cursos de linguista, proferidos por ele, e escreveram o livro “*Cours de linguistique générale*” (Curso de linguística geral). No entanto, ambos não haviam sido alunos de Saussure e correram o risco de publicar interpretações das aulas do linguista, feitas por alunos de Saussure, e não seus verdadeiros estudos. Contudo, em 1996, manuscritos de Saussure foram encontrados em Genebra e então foi finalmente publicado o verdadeiro pensamento de Saussure, no livro *Escrita de lingüística geral*.

### 3 ANÁLISE SEMIÓTICA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

Na presente pesquisa foram analisados, ao todo, 76 exemplares do jornal Tribuna do Paraná, das edições de abril a junho de 2013. A pesquisa utilizou semiótica peirceana, que foi escolhida como método de estudo de caso, pois analisa as ações dos signos. Neste caso, vamos entender o signo como as matérias jornalísticas, imagens e fotografias relacionadas à mulher nos casos de violência física e sexual.

Para analisar o jornal foram estabelecidos os tipos de violência mais comuns contra a mulher. Segundo o artigo 7º da Lei nº 11.340/2006<sup>18</sup> a violência contra a mulher pode ocorrer tanto no âmbito privado ou público e pode gerar morte, violência física e sexual (pelo simples fato da vítima ser mulher). Dentre os tipos de violências contra a mulher, destaca-se a violência física, que causa ou tenta causar dano não accidental, através de força física ou utilização de armas. É uma relação de poder de uma pessoa sob a outra. Pode se manifestar sob a forma de tapas, socos, estrangulamento, queimaduras, obrigar a mulher a tomar medicamentos ou consumir outras substâncias sem consentimento, entre outros. É entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da mulher.

Já a violência sexual são atos sexualmente violentos, utilizando-se de constrangimentos morais ou físicos. Geralmente esta violência é cometida por pessoas conhecidas da vítima, e até mesmo que tenham vínculo conjugal. Dentre esta ação, as mais conhecidas são o estupro cometido por estranhos, maridos ou namorados, assédio sexual, prostituição forçada e tráfico de pessoas com fins de exploração sexual. Ainda vale citar a violência moral como uma violência contra a mulher. Este tipo de violência é designado como toda conduta que configure calúnia, difamação ou injúria contra a honra ou a reputação da mulher.

Neste projeto, foram analisadas somente as violências físicas e sexuais com o intuito de responder à problemática: como é representada a imagem da mulher nos jornal impresso Tribuna do Paraná no caso de assuntos relacionados à violência física e sexual. Essas violências foram escolhidas por serem mais significativas, devido as suas formas mais agressivas e com maior potencial de levar a

---

<sup>18</sup> Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/programas-de-a-a-z/pj-lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>> acesso em 29 de jun. de 2013.

morte. No jornal Tribuna do Paraná, as matérias relacionadas à violência ganham um maior destaque do que em outros jornais da capital, tendo até mesmo um caderno denominado “Segurança”.

Antes de continuar a pesquisa é importante lembrar, como dito no capítulo anterior, que a interpretação dos signos gera diversos outros signos que podem ser iguais (ou não) para os diferentes investigadores, devido às visões de mundo diferenciadas.

As matérias analisadas neste trabalho são somente as relacionadas a violências física e sexual contra a mulher, ocorridas em Curitiba e região metropolitana, pois são as regiões em que o jornal circula. No entanto, o periódico às vezes também veicula matérias de outras regiões do Brasil, quando estas tem uma grande repercussão, como o caso da descoberta de uma “ossada” que poderia ser a de Elisa Samudio, ou o caso de estupro coletivo cometido no Rio de Janeiro, contra uma turista norte-americana (vide anexo 1).

Curitiba e Região Metropolitana são, de fato, as regiões de circulação do jornal e, por isso, a grande maioria das matérias relacionadas ao tema do trabalho, são de crimes contra mulheres que vivem nessas regiões, ou, ainda que sofreram algum tipo de violência física e sexual nesses locais. Há ainda uma parte em que não há informações de onde o crime ocorreu. Desta forma, no gráfico a seguir, foram determinados quatro categorias que aparecem no jornal, são elas: Curitiba, Região Metropolitana (RMC), “não consta”, e outras regiões.

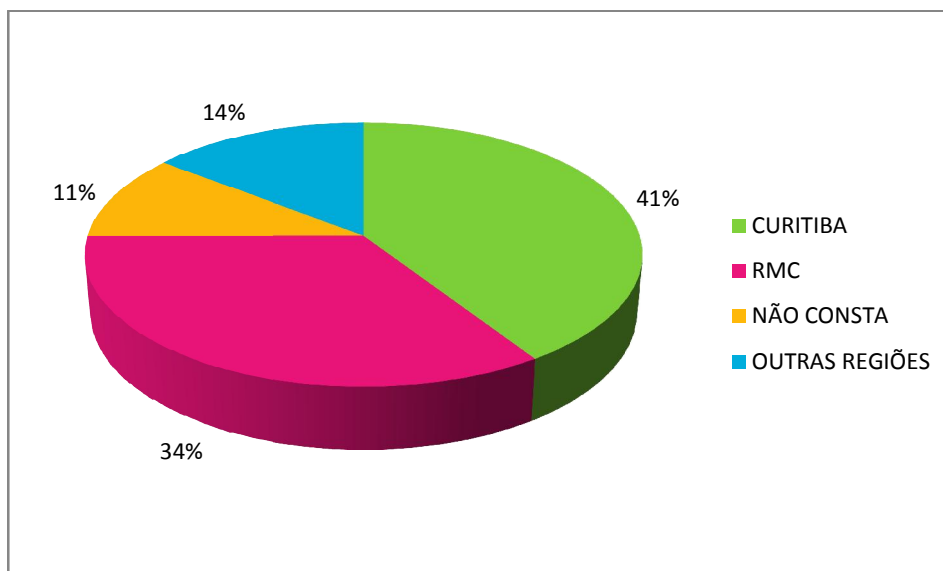


IMAGEM 13 – GRÁFICO RELACIONANDO OS LOCAIS AONDE OCORRERAM AS VIOLÊNCIAS FÍSICA E SEXUAL CONTRA MULHERES. CURITIBA E A RMC TÊM NÚMEROS DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL CONTRA A MULHER BEM PRÓXIMOS COM: 31 CASOS EM CURITIBA E 26 CASOS NA RMC. FONTE: JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

Para fins de pesquisa vamos dividir as violências já citadas em quatro categorias: A1 Violência física premeditada por conhecidos; A2 Violência física ocasionada por desconhecidos em assaltos, roubos, furtos, latrocínio (roubo seguido de morte) e tentativa de homicídio/homicídio; A3 Estupro, envolvendo violência sexual em geral, estupro de vulnerável e qualquer forma de sexo sem o consentimento da vítima e; A4 Assédio sexual e tentativa de estupro. Destas quatro categorias aparecem 13 crimes enquadrados neste trabalho, como algum tipo de violência sexual ou física.

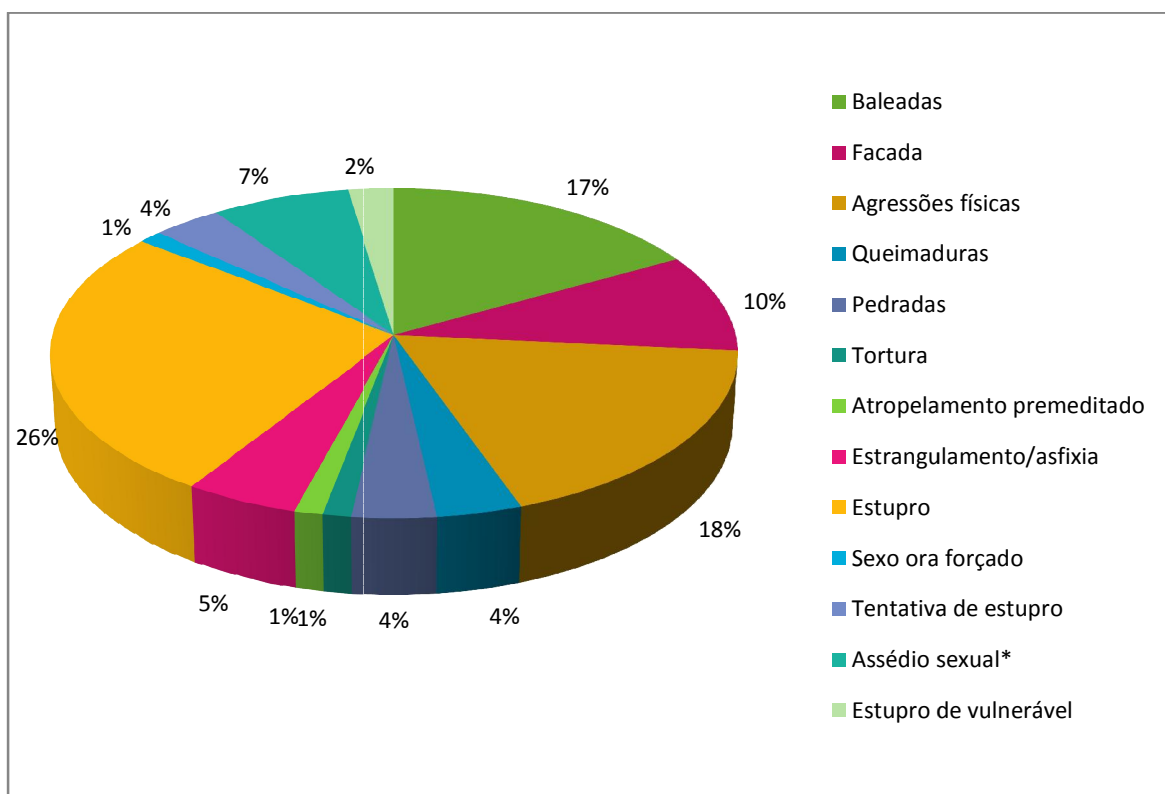


IMAGEM 14 - GRÁFICO DA RELAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS FÍSICA E SEXUAL ENCONTRADAS NAS MATÉRIAS DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ DE ABRIL A JUNHO DE 2013. FONTE: JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

Como pode ser notado pelo gráfico, a violência física é a que tem maior ocorrência no jornal, principalmente relacionadas a tiros e a agressões físicas como socos, tapas, chutes e coronhadas. No entanto, dentre os tipos de violências catalogadas acima, o estupro é o que mais aparece nas matérias do jornal. Com relação a idade a pesquisa apenas considerou crime contra a mulher, os cometidos em meninas a partir dos 12 anos de idade, visto que abaixo disso podem ser consideradas crianças, e desta forma, já envolvem outros tipos de crimes, como a pedofilia.

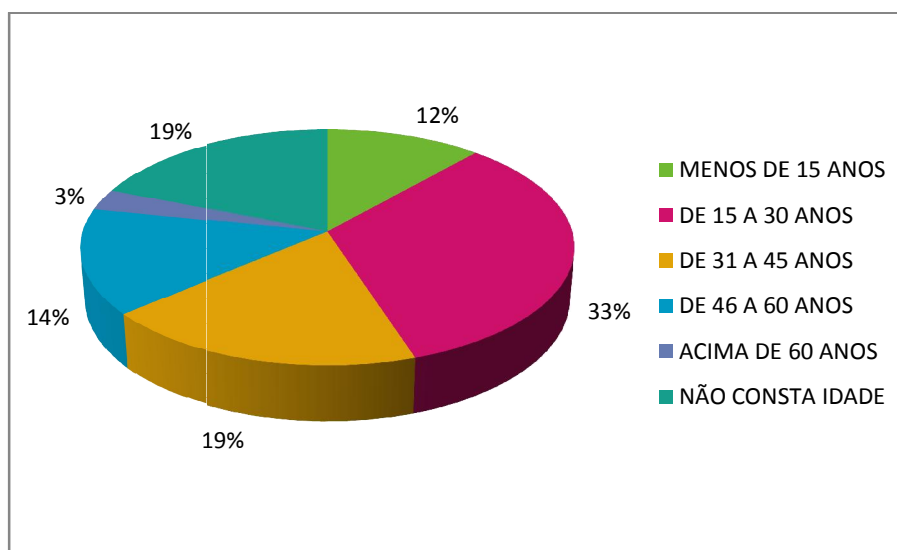


IMAGEM 15– GRÁFICO DAS IDADES DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL, ANALISADAS NAS MATÉRIAS DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

No gráfico acima, observa-se que a maioria das vítimas de violência física e sexual são mulheres jovens tendo entre 15 a 30 anos, seguidas das mulheres de meia idade entre 31 e 45 anos. Mas, as violências são cometidas até mesmo com mulheres idosas acima de 60 anos. A seguir farei a análise das matérias, imagens e fotografias referentes à mulher e as violências física e sexual, no jornal Tribuna do Paraná, dos meses de abril a junho de 2013. As idades foram organizadas de forma aleatória, tendo representar a adolescência, a juventude, a meia idade e a terceira idade.

Dos 76 exemplares analisados, 50 deles tinham alguma matéria ou nota relacionadas às mulheres que sofreram alguma forma de violência física e sexual. Na pesquisa foram utilizadas 77 matérias.



### 3.1 A MULHER OBJETO E O HOMEM SUJEITO

O Jornal Tribuna do Paraná tem uma linha bem definida em que a mulher é sempre considerada um objeto de violência do homem. Isso reforça o papel patriarcal do homem, em que ele, por ser homem tem um vínculo de dominação-exploração sobre a mulher (que deve obediência e que não reage a violência). O patriarcalismo sugere uma dualidade entre a vítima (mulher) e o agressor (homem), o que reduz a discussão da violência contra a mulher a uma simples questão de diferenças entre os sexos (BEAUVOIR, 1980, p.15).

O periódico analisado, lido majoritariamente por homens, reflete uma posição de que a mulher é sempre o objeto da ação do homem, seja no caso da violência ou ainda como um objeto sexual, como já mencionado sobre o caderno Tribuna Pop e Triboladas. Sendo assim, são duas atitudes que estão em discussão, a atitude masculina/ativa e a feminina/passiva, pois a mulher não reage a violência, segundo o jornal. Desta forma, a mulher aparece sempre como a “coisa” pela qual o homem tem uma relação de dominação, estando às mulheres em um estado-de-coisa, no qual são vitimizadas, pois quando a mulher sofre algum tipo de violência ou violação, seu corpo não mais a pertence (GREGORI, 2003, p. 98).

Os termos sujeito e objeto<sup>19</sup>, foram neste trabalho empregados, no sentido em que Simone de Beauvoir deu a esses termos em seu livro “O segundo sexo” (1989). Segundo a autora, o “ser mulher” é uma construção histórica e social, pois os “instintos biológicos femininos” (como o instinto de maternidade) são construídos e reforçados culturalmente. Desta forma, Beauvoir nega que a condição física e biológica da mulher a tenha colocado em uma patamar de “segundo sexo”, mas que o que condicionou esta situação foram séculos de repressão a mulher.

Segundo ela, a mulher sempre foi definida em relação ao homem, encarnando o que Beauvoir chama de “outro”. Ou seja, a mulher é o objeto, o outro (pólo negativo), pois não é considerada um “ser autônomo”, já que o seu corpo e o seu destino não a pertencem. No entanto, o homem tem autonomia, ele é um ser pensável sem a mulher, pois é o sujeito, o absoluto (pólo positivo neutro). O sujeito, para Beauvoir, afirma-se como o essencial, enquanto que o objeto é o outro inessencial.

---

<sup>19</sup> Existem outras categorias de análise, mas minha escolha teórica foi a utilização das noções de homem sujeito e mulher objeto de Simone de Beauvoir.

Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro (BEAUVOIR, 1980, p.15).



IMAGEM 16- MATÉRIA VEICULADA NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ NO DIA 15 DE MAIO DE 2013. COMO O SUSPEITO PELO CRIME NÃO FOI IDENTIFICADO A VÍTIMA É CITADA COMO PRIIMEIRA E A VIOLÊNCIA É EXEMPLIFICADA NA MATÉRIA. TAMBÉM NÃO HÁ DISCUSSÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.

A matéria anterior exemplifica a situação da mulher no jornal Tribuna do Paraná como um "objeto nas mãos" de um agressor, esse geralmente homem. Não há discussões sobre as proporções da violência contra a mulher, e também não se discutem métodos para reduzir esses crimes, e nem o trabalho de repressão que é feito sobre os crimes contra a mulher. Devido à linha editorial do jornal, que reforça o patriarcalismo, e desta forma a mulher apenas aparece como um ser passivo, recebendo sempre o *status* de vítima.

Na verdade, as matérias do jornal, em que os suspeitos da violência não são identificados, seguem sempre uma lógica de construção, iniciada pela descrição do crime ocorrido e, em seguida, busca-se o culpado. Ou seja, o sujeito da ação. Raramente há fotografias da mulher, e em poucas vezes há alguma citação sobre a sua vida e suas características físicas, étnicas e econômicas, diferentemente do que acontece quando o autor do crime é identificado.



IMAGEM 17 – NAS MATÉRIAS EM QUE HÁ UM SUSPEITO DE TER COMETIDO UMA VIOLÊNCIA FÍSICA OU SEXUAL CONTRA MULHERES, AS IMAGENS SÃO RELACIONADAS SOMENTE AO AGRESSOR, A MULHER FICA EM SEGUNDO PLANO. MATÉRIA “PÔE CULPA NO CRACK, DO DIA 22 DE JUNHO DE 2013.

Quando um suspeito é identificado, ele é descrito e caracterizado, inicialmente, como o “personagem principal” da matéria, além de na maioria das vezes, a matéria apresenta a fotografia do agressor, mas raramente da “vítima”, que só é apresentada superficialmente. Também citam a “ficha criminal” do suspeito, quando este é reincidente.

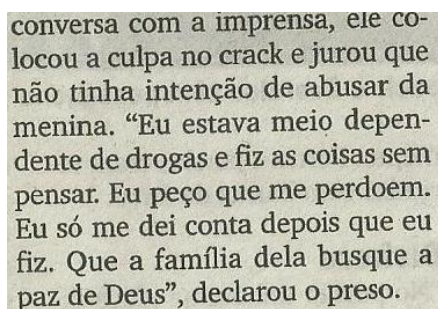
Ambas as matérias anteriores são notícias sobre o mesmo crime, na primeira percebe-se que o suspeito ainda não havia sido identificado, e que a notícia gira em torno de procurar o sujeito daquela ação. Na segunda notícia, o suspeito é identificado e há uma discussão sobre o sujeito, enquanto que com relação à mulher, não há nenhuma menção fora da vitimização. Ao identificar e expor o agressor, o jornal busca gerar venda e consequentemente o lucro.



A adolescente Maiara Larissa Leal, 16 anos, foi brutalmente assassinada ontem, por volta das 18h30, no Uberaba, quando ia para a Escola Estadual Isolda Schmid, fazer uma prova de recuperação. A menina repetia o caminho, de um quilômetro entre sua casa e a escola, que fazia todos os dias, mas sempre na companhia das amigas e de uma prima. Ontem, tentou convencer várias de suas parceiras diárias a lhe acompanhar, mas não conseguiu, seguiu sozinha e, no atalho entre as ruas Simone Dal Poso e Canal Belém, foi atacada por um homem de pele negra, mais de 1,70 metro e calvo.

IMAGEM 18- TRECHOS DA MATÉRIA “GAROTA MORTA A PEDRADAS” VEICULADA NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ NO DIA 15 DE MAIO DE 2013. NESTE TRECHO HÁ A DIFERENÇA ENTRE COMO A MULHER E O HOMEM SÃO DESCRITOS NO JORNAL.

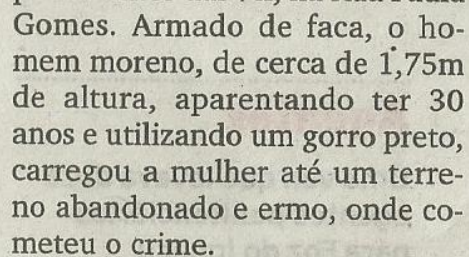
Por exemplo, sobre a mulher violentada, sabemos que era uma menina de 16 anos, estudante. Já do sujeito sabemos a idade, 36 anos, que era negro, com 1,70 m de altura, calvo, possivelmente usuário de entorpecentes, que ele havia fugido de uma penitenciária e já havia cometido outros crimes, fazendo com que haja uma identificação do possível suspeito, buscando encontrar o culpado. Também, ao final da matéria, o sujeito recebe um “álibi”, quando justifica sua ação como sendo efeito de drogas e “pede desculpas” a família da vítima, desejando-lhes que “busquem a paz de Deus”.



conversa com a imprensa, ele colocou a culpa no crack e jurou que não tinha intenção de abusar da menina. “Eu estava meio dependente de drogas e fiz as coisas sem pensar. Eu peço que me perdoem. Eu só me dei conta depois que eu fiz. Que a família dela busque a paz de Deus”, declarou o preso.

IMAGEM 19- TRECHOS DA MATÉRIA “GAROTA MORTA A PEDRADAS” VEICULADA NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ NO DIA 15 DE MAIO DE 2013

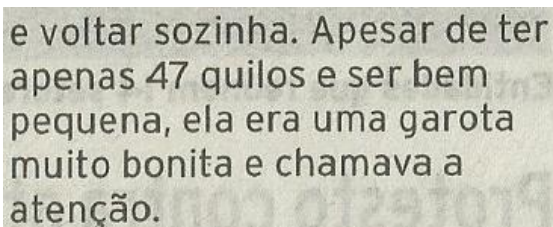
Outras matérias também trazem as características do homem/sujeito.



Gomes. Armado de faca, o homem moreno, de cerca de 1,75m de altura, aparentando ter 30 anos e utilizando um gorro preto, carregou a mulher até um terreno abandonado e ermo, onde cometeu o crime.

IMAGEM 20 – TRECHO DA MATÉRIA “MENDIGO ESTUPRA JOVEM EM SÃO FRANCISCO”, EM QUE O AGRESSOR TEM ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS PUBLICADAS, DIFERENTEMENTE COM O QUE ACONTECE COM A MAIORIA DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL. MATÉRIA VEÍCULADA NO DI 29 DE ABRIL DE 2013, NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

A maioria das matérias e notas do periódico não fazem nenhuma referência as características físicas, econômicas e étnicas da mulher que sofreu a violência. Também, dificilmente citam a profissão da mulher (aparecem como profissão cobradora de ônibus, funcionária de escola, comerciante, manicure, enfermeira, vigilante, carrinheira, auxiliar de enfermagem, funcionária de empresa de *marketing*, policial militar e estudante), e só consta o nome, a idade da mulher, o local onde o crime ocorreu e em alguns casos o estado de saúde dela. A única matéria que informa algumas características a mais da vítima é a “Monstros enjaulados”.



e voltar sozinha. Apesar de ter apenas 47 quilos e ser bem pequena, ela era uma garota muito bonita e chamava a atenção.

IMAGEM 21 - TRECHOS DA MATÉRIA “MONSTROS ENJAULADOS”, EM QUE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA VÍTIMA APARECEM. DIFERENTEMENTE DO QUE ACONTECE NO RESTANTES DAS MATÉRIAS ANALISADAS. MATÉRIA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ, DO DIA 29 DE JUNHO DE 2013.

A matéria “Monstros enjaulados” é a única matéria do período de abril a junho de 2013, que informa as características da vítima, são elas: o peso, um referencial de altura (bem pequena), e salienta que menina era bonita e chamava atenção. O

caso do assassinato da Tayná<sup>20</sup> teve uma grande repercussão no país inteiro. As características descritas na imagem anterior reforçam as qualidades de mulher vulnerável, pois ela é pequena, portanto frágil. Mas ao mesmo tempo que vitimiza a mulher, a matéria também justifica a ação do homem, pois ela era “bonita e chamava atenção”, e o homem “não consegue resistir” a sua beleza.

Geralmente as matérias também tratam a violência pela visão do agressor (e não da mulher), sem haver discussão alguma sobre as violências física e sexual cometidas contra a mulher. As matérias ou notas do jornal apenas enfatizam que um agressor/agressora cometeu uma violência física/sexual contra uma mulher. Desta forma, o jornal reforça a condição de que os homens

[...] detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo esta necessidade de fazer uso da violência. Nada impede, embora seja inusitado, que uma mulher pratique violência física contra seu marido/companheiro/namorado. As mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens (SAFFIOTI, 2001, p. 115).

Nos períodos em que o jornal Tribuna do Paraná foram analisado (de abril a junho de 2013), também aparecem matérias em que a mulher cometeu algum tipo de violência contra o companheiro. No entanto, não há nenhuma reportagem em que uma mulher desconhecida, que não tem nenhum vínculo conjugal, tenha praticado um ato violento. Entretanto, a violência contra a mulher cometida por estranhos aparece frequentemente no jornal, principalmente nos casos de violência sexual. Há três matérias que mostram a violência que parte da mulher para o homem, são elas: “Lâmina da separação”, do dia 9 de abril de 2013, “Fim do casamento”, publicada dia 29 de abril de 2013 e “Adúltero sem perdão”, veiculada em 11 de abril de 2013

---

<sup>20</sup> O caso Tayná teve grande repercussão em todo o Brasil. A menina de apenas 14 anos desapareceu quando voltava da casa de uma amiga, no bairro Colombo (RMC). Três dias após o sumiço a polícia prendeu quatro homens suspeitos de terem estuprado e assassinado a garota. O corpo dela foi encontrado em um poço, com sinais de asfixia e não constava sinais de violência sexual.





IMAGEM 22 – TRECHO DA MATÉRIA “ADÚLTERO SEM PERDÃO”, DO DIA 11 DE ABRIL DE 2013.

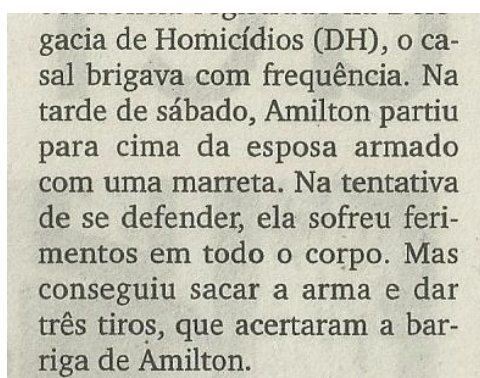


IMAGEM 23 – TRECHO DA MATÉRIA “FIM DO CASAMENTO” VEÍCULADA NO DIA 29 DE ABRIL DE 2013.

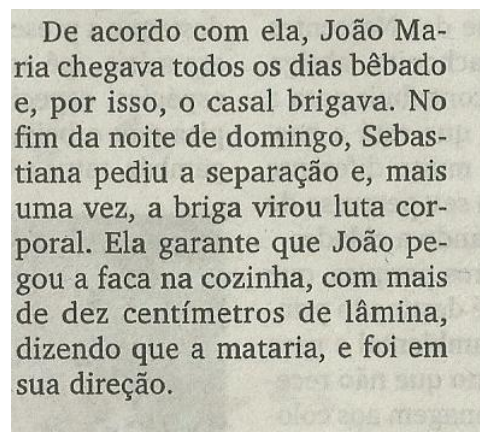
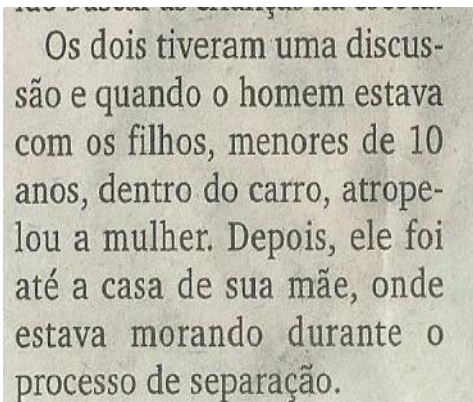


IMAGEM 24 – TRECHOS DA MATÉRIA “LÂMINA AFIADA”, PUBLICADA NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ DO DIA 9 DE ABRIL DE 2013.

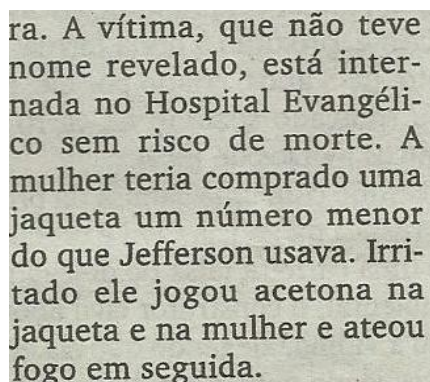
As três matérias trazem uma “justificativa” para a ocorrência da violência. Na primeira o motivo foi a traição do marido, já nas outras duas as mulheres afirmam que sofriam violência física do marido, e alegam que agiram em legítima defesa. A mulher novamente aparece como vítima, mesmo que ela tenha cometido o ato violento contra o homem. São, assim, vitimizadas, pois sofriam violência física dos companheiros ou porque foram traídas.

Em algumas matérias em que homens cometem violência contra a mulher, também há “justificativas” para a ocorrência da violência, como por exemplo uma briga de casal, o uso de entorpecentes ou ainda a justificativa de que a mulher seduziu o homem.



Os dois tiveram uma discussão e quando o homem estava com os filhos, menores de 10 anos, dentro do carro, atropelou a mulher. Depois, ele foi até a casa de sua mãe, onde estava morando durante o processo de separação.

IMAGEM 25 – TRECHOS DA MATÉRIA “PEGA FILHOS NA ESCOLA E ATROPELA EX-MULHER”, DO DIA 8 DE JUNHO DE 2013.



ra. A vítima, que não teve nome revelado, está internada no Hospital Evangélico sem risco de morte. A mulher teria comprado uma jaqueta um número menor do que Jefferson usava. Irritado ele jogou acetona na jaqueta e na mulher e ateou fogo em seguida.

IMAGEM 26 – TRECHOS DA MATÉRIA “TACA FOGO NA MULHER”, PUBLICADA O DIA 19 DE ABRIL DE 2013, NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.



Novamente o jornal reforça a “posição patriarcal” do homem, que pode se utilizar da força física e da violência para “restabelecer um equilíbrio” do qual a mulher se “desviou”. As “justificativas” sempre mostram que a violência só ocorreu como reação, por parte do homem, de uma ação da mulher. Aqui, no caso, se destacam uma discussão e um “erro” na compra de uma roupa. Segundo, Saffioti (2001, p. 121)

[...] os homens estão, permanentemente, autorizados a realizar seu projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que, para isto, precisem utilizar-se de sua força física. Pode-se considerar este fato como uma contradição entre a permissão para a prática privada da justiça e a consideração de qualquer tipo de violência como crime.

No entanto, a autora afirma que somente em casos de excesso de violência (como os dos exemplos anteriores) são considerados realmente crimes e, assim, são punidos (ou deveriam ser). E, por isso, aparecem como notícia nos meios de comunicação. A violência contra a mulher não é uma questão de “aceitação patriarcal”, em que o homem tem direitos sobre a mulher, mas também depende de outros fatores como a classe social e, até mesmo, do estresse que pode desencadear isso. Exemplo disso são os casos anteriores em que o homem atropela a ex mulher por desentendimentos, ou ainda o homem que queima a esposa por ela ter comprado uma jaqueta para ele menor do que o seu tamanho. Coisas realmente banais. No entanto, o jornal tem uma “visão patriarcal”, pois a vítima não tem reação, sendo apenas o objeto da violência do homem.

A rigor, não é fácil, para uma mulher, romper com a relação amorosa sem auxílio externo. Todavia, as mulheres sempre reagem contra o agressor, das mais diferentes maneiras. Suas reações podem não ser adequadas para pôr fim à violência de seus parceiros, mas, é importante frisar, existem, se não em todos os casos, pelo menos na maioria esmagadora deles (SAFIOTTI, 2001, p.120-121).

A relação entre homem/sujeito e mulher/objeto aparece também nos títulos das matérias do Jornal Tribuna do Paraná, pois a ordem dos títulos é sempre de um homem (quando este é identificado como suspeito) que comete uma violência (ou que é identificado como um violentador ou agressor) e nunca o inverso, em que uma mulher sofreu a violência cometida por um homem.

## **Mendigo estupra jovem no São Francisco**

IMAGEM 27 – TÍTULO DE MATÉRIA VEICULADA NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ NO DIA 29 DE ABRIL DE 2013.

Títulos com o da imagem anterior trazem o homem como o sujeito de uma ação contra a mulher. No entanto, o jornal também poderia se utilizar da situação da vítima para fazê-la sujeito e não objeto. Para tal efeito, bastaria que se invertesse a ordem do título sem que isso prejudique o entendimento da notícia. Como exemplo o título também poderia ser “Jovem é estuprada por mendigo no São Francisco”.

## **Achada nua e morta a pedradas em terreno**

IMAGEM 28 – TÍTULO DE UMA MATÉRIA RELACIONADA À VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL CONTRA A MULHER. FOI VEICULADA NO DIA 21 DE MAIO DE 2013, NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

Ambos os títulos anteriores representam como o jornal mostra que o homem é o sujeito, pois nelas, as ações/violência são sempre descritas a partir da violência que este comete contra uma mulher (e nunca parte do fato de que a mulher é violentada ou agredida). Inclusive a mulher só aparece no título da matéria quando não há suspeitos do crime, ainda assim, esta continua como um objeto da ação do homem. Até mesmo os títulos das matérias em que a mulher comete violência contra o homem, ainda não fazem referência à mulher como sujeito (ela ainda é objeto da ação do homem).

## **Fim do casamento**

IMAGEM 29- – TÍTULO DE MATÉRIA EM QUE A MULHER COMETE UM CRIME CONTRA O HOMEM, POIS SEGUNDA A ALEGAÇÃO DELA ESTAVA SOFRENDO VIOLÊNCIA FÍSICA DO MARIDO. MATÉRIA DO DIA 29 DE ABRIL DE 2013.

Nesses títulos não há menção da mulher como a autora/suspeita do crime, mesmo que ela o tenha cometido (aqui a maioria alega que foi em legítima defesa).

Além do mais, os títulos geralmente estão relacionados ao casamento e ao lar, palavras associadas à estereótipos vinculados a feminilidade. O título não explica realmente o que está na notícia, deixando margens para outras interpretações. Também, durante este período em que o jornal foi analisado, nunca foi publicado um título dizendo que uma mulher cometeu uma violência ou crime contra um homem.

Outro fato muito marcante, e que é uma prática no jornal, são os títulos chamativos e curtos. Esses títulos muitas vezes ironizam os crimes, tornando-os superficiais. Não fazem nenhuma reflexão sobre a verdadeira situação da violência contra a mulher, ridicularizando a mulher “vítima” e até mesmo tornando cômica a situação vivenciada por ela.



IMAGEM 30- ESTE TÍTULO É AINDA MAIS CÔMICO QUE O ANTERIOR E RIDICULARIZA A SITUAÇÃO VIVENCIADA PELA MULHER, E NÃO FAZ NENHUM TIPO DE REFLEXÃO SOBRE O ATO DE VIOLÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS. MATÉRIA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ DO DIA

Os títulos, como o acima, são bastante recorrentes nos exemplares do jornal. Na verdade, eles tornam as situações de agressão algo cômico, “diminuindo” a mulher, pois a matéria (além de não refletir sobre o problema), “brinca” com os casos de violência contra a mulher, e reforçam o patriarcalismo, pois justificam a ação do homem como um “ato não sério”, tornando-o piada.



IMAGEM 31 – OUTRO TÍTULO ENGRAÇADO E QUE NÃO CONDIZ COM A REALIDADE DOS CRIMES SEXUAIS E FÍSICOS. MATÉRIA DO DIA 6 DE JUNHO DE 2013

Este último exemplo de título, também não condiz com o problema da violência. O título “Esperma delator” até mesmo subentende que o homem que cometeu a violência sexual “se deu mal” não pelo seu ato, por causa do seu próprio esperma. É, de certa forma, algo que pretende ser engraçado e que faz pensar que

Se ele tivesse usado preservativo, não teria sido descoberto desta maneira. No entanto, não deixa brechas para uma discussão acerca da morte da menina que foi violentada, e nem do crime (que é o estupro). Ainda nas matérias relacionadas à violência sexual, geralmente o agressor é chamado de “tarado”, “estuprador”, “mostro” ou “safado”.

## Safado confesso

IMAGEM 32- MATÉRIA SOBRE VIOLENCIA SEXUAL, EM QUE O TERMO SAFADO É UTILIZADO. MATÉRIA VEICULADAS NO DIA 11 DE JUNHO DE 2013.

## Tarado do expresso

IMAGEM 33- MATÉRIA SOBRE ABUSO SEXUAL, EM QUE O TÍTULO DENOMINA O AGRESSOR COMO SIMPLEMENTE UM TARADO. MATÉRIA VEICULADA NO DIA 2 DE MAIO DE 2013.

## Horror | Trio confessa estupro e assassinato de garota de 14 anos. Um deles teria abusado até do cadáver

## Monstros enjaulados

IMAGEM 34- TÍTULO DA MATÉRIA, VEICULADA NO DIA 29 DE JUNHO DE 2013, EM QUE OS SUPOSTOS VIOLENTADORES E ASSASSINOS SÃO CONSIDERADOS “MONSTROS”.

## Ladrão estuprador reage e vai em cana

IMAGEM 35- OUTRA DENOMINAÇÃO UTILIZADA, PARA HOMENS QUE COMETEM VIOLENCIA SEXUAL, É A “ESTUPRADORES”. MATÉRIA DO DIA 11 DE JUNHO DE 2013.

Os títulos que carregam as denominações “tarado” e “safado” não explicitam o verdadeiro problema da violência sexual, não enfatizando o papel do violentador como tal, mas apenas o reduz ao ato a um simples fato do homem ser “safado” ou mesmo “tarado”. Isso não representa, de fato, situação vivenciada pelo estupro ou qualquer tipo de violência sexual, dando margens a preconceitos que justificam

violência sexual como sendo culpa da mulher, pois o homem não pode controlar seu lado “selvagem”.

As palavras “tarado” e “safado” têm uma conotação de algo imoral, obsceno ou de um indivíduo desequilibrado. Já a palavra “monstro” faz alusão a um indivíduo cruel e desumano. A denominação “monstro” pode ser usada para designar os suspeitos de quaisquer tipos de crimes, principalmente os hediondos, pois o indivíduo que cometeu a violência seria um “animal”, ele não é humano.

Entretanto, essas denominações, que são construções sociais, não refletem a situação da violência física e sexual contra a mulher, na verdade esses termos podem até mesmo justificar a violência (uma vez que o agressor é um ser “desequilibrado”), além de mascarar o fato de eu a agressão, normalmente, é cometida por uma pessoa conhecida da vítima. Outro termo bastante utilizado é “estupradores” que está ligado ao ato do estupro ou ao abuso sexual por meio de violência, mas também não traz discussões acerca do problema da violência sexual contra a mulher, que é vista como objeto pela sociedade e mesmo pelo jornal, como já mencionado anteriormente.

De forma geral o jornal reforça um estereótipo de mulher submissa ao homem, e colabora com a construção de um imaginário de mulher violentada que é frágil, submissa e vulnerável. Sendo assim, as matérias e também fotografias e imagens do jornal, acentuam o estereótipo social de sexo frágil. Além de sempre tratar a mulher em segundo plano, ou seja, como objeto.

### **3.2 IMAGENS E FOTOGRAFIAS DA MULHER NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ**

Antes de iniciar a análise das imagens referentes à mulher - e às violências física e sexual encontradas nos exemplares analisados do jornal Tribuna do Paraná - é importante ressaltar que, neste trabalho, vamos utilizar a definição de imagens que são produzidas e que são usadas como representações. Mais especificamente, as fotografias jornalísticas referentes ao assunto abordado no trabalho, e que têm a finalidade de comunicar algo.

Segundo Boris Kossoy (2001), toda a fotografia vem do desejo de um indivíduo em “congelar” algum aspecto do real, transformando-o em imagem. No entanto, essa imagem é uma representação do real e não a realidade em si, é uma fonte histórica. Na verdade, a fotografia é um fragmento, uma forma mecânica de reprodução e representação do real, que apresenta relação cultural de tempo, espaço e da ideologia do fotógrafo ou, no caso, de um veículo de comunicação. Desta forma, toda fotografia tem uma trajetória, ou uma história, pois inicialmente houve a intenção de algum indivíduo em registrar algum tema do real. Além disso, após a materialização da fotografia, ela será utilizada conforme a sua necessidade de existir.

Sendo assim, o que foi ficado na presente pesquisa, são as fotos jornalísticas (ou seja, o fotojornalismo). A primeira fotografia publicada em um jornal impresso foi a de um incêndio que destruiu um bairro de Hamburgo, na Alemanha, em 1842. Uma das características das fotografias jornalísticas nos jornais impressos, é que as informações (matérias, notícias, reportagens e notas) predominam sobre a imagem, mas essas últimas não servem apenas de ilustração para as matérias, também são utilizadas como um reforço complementar para legitimar a veracidade do fato noticiado. As fotografias inseridas nas mídias, muitas vezes conduzem o olhar do leitor para um caminho pré-determinado de um recorte selecionado da realidade (FERREIRA, 2010, p.32). Porém o impacto que a fotografia proporciona também é essencial para chamar atenção do leitor.

Os *media* incorporam realidades nas narrativas que produzem. Contudo, as imagens emanam de uma representação do real que pretende ser entendida como tal e não uma mera reprodução. Os *mass media* servem-se do “disfarce” que a imagem fotográfica produz para oferecer ao seu público aquilo que deles se espera: a essência de uma realidade propriamente dita e embutida de verdade absoluta. Contudo, essa realidade retratada, quando publicada, por vezes não corresponde à essência ou o próprio real, mas talvez antes a um real que o público queira/goste de ver (SOUZA, 2010, p. 5).

As matérias analisadas do Jornal Tribuna do Paraná, raramente apresentam fotografias ou imagens de mulheres que sofreram a violência física ou sexual. Nos meses analisados (abril a junho de 2013), somente três matérias, relacionadas à violência sexual, tiveram algum tipo de imagem (fotografias ou desenhos) que fazem referência a mulher, foram elas: “Nunca mais a mesma” do dia 25 de abril e a capa do jornal sobre a mesma matéria “Cicatriz eterna”, “Tarado no tubo”, do dia 18 de maio e “Monstros enjaulados”, do dia 29 de junho, matéria que veicula uma fotografia em que aparece nitidamente o rosto da mulher.



IMAGEM 36 – UMA DAS POUCAS FOTOS DE MULHERES VIOLENTADAS QUE APARECE NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ, DOS MESES DE ABRIL A JUNHO. ESTA IMAGEM É DA MATÉRIA “TARADO NO TUBO”, DO DIA 18 DE MAIO DE 2013.

Assim como nas informações das matérias e notas do jornal, a mulher também é considerada objeto da ação do homem nas imagens veiculadas. Raramente há fotografias das mulheres vitimizadas (enquanto sujeitos “independentes” ou anteriores a violência sofrida), e quando elas são veiculadas são escuras (como a de cima) escondendo as características físicas da mulher (impossibilitando de ver o rosto), e as fotografias têm uma posição plana e lateral, ou ainda, aparecem somente às mãos da mulher. Já nos casos em que o suspeito do crime é identificado, as matérias em sua grande maioria, levam uma fotografia do agressor (essas por sua vez tiradas em apresentações policiais as quais a imprensa é convidada a participar). As fotos dos suspeitos geralmente são frontais ou de *close ups*<sup>21</sup>. Confira alguns exemplos:



IMAGEM 37 – FOTOGRAFIA DO SUSPEITO DE TER FORÇADO UMA COBRADORA DE ÔNIBUS DE FAZER SEXO ORAL NELE. MATERIA “SAFADO CONFESSO” DO DIA 11 DE JUNHO DE 2013.

---

<sup>21</sup> Plano de enquadramento fechado que fotografa somente parte de um objeto, aqui no caso o rosto de um indivíduo.





IMAGEM 38 – FOTOGRAFIA DOS ACUSADOS DE TEREM VIOLÊNTADO SEXUALMENTE E ASSASSINADO A MENINA TAYNÁ, EM COLOMBO (RMC). A IMAGEM FOI VEICULADA NA MATÉRIA “MONSTROS ENJAULADOS, DO DIA 29 DE JUNHO DE 2013.

As fotografias dos suspeitos são, no entanto, “antiéticas” uma vez que o suspeito ainda não foi condenado pelo crime e pode ser inocentado. Por isso, os meios de comunicação devem se utilizar da imagem de forma harmônica e possibilitando o direito a resposta e a inviolabilidade da honra da imagem, preservando a dignidade da pessoa. Desta forma, o que pode se perceber com a atitude do jornal é que a rara utilização de fotografias e imagens de mulheres não é uma questão ética ou de proteção da imagem de um indivíduo “considerado vítima” ou mesmo de suspeitos de terem cometido a violência. Ambas as fotografias utilizadas sem permissão denigrem a honra da imagem.

Também há outras imagens que foram veiculadas no jornal, mas que não são das vítimas. São desenhos ou imagens retiradas da *internet* ou de arquivos para ilustrar as matérias. Aparecem, ainda, no periódico duas imagens que fazem alusão a mulher vítima, são elas: uma ilustração que representa uma mulher chorando e uma imagem de uma mulher agachada no canto da parede, como que acuada ou amedrontada pela violência.



IMAGEM 39 – ILUSTRAÇÃO PUBLIXANA NA MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA”, QUE TRATA DO TEMA DA VIOLÊNCIA SEXUAL

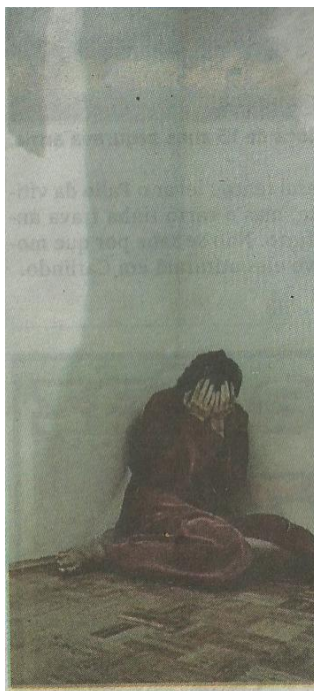


IMAGEM 40 - IMAGEM VEICULADA NA MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA”, DO DIA 25 DE ABRIL DE 2013, EM QUE UMA MULHER VIOLENTADA RELATA O ACONTECIDO.

Novamente o jornal reforça a vitimização da mulher. As imagens acima foram publicadas na matéria “Nunca mais a mesma”, que tratava de um caso de estupro, em que a mulher dá um depoimento de como o abuso sexual ocorreu. Ambas as imagens representam o sofrimento, o medo e a vergonha de quem passa pela situação do estupro, além de reforçar o estereótipo de mulher “sexo frágil”, que é submissa ao homem e também vulnerável as suas ações. Outro dado importante é que isso também justifica a ação do patriarcalismo e acentua que a mulher não tem reação perante a violência de outrem sobre si.

Como já mencionado anteriormente, uma das poucas matérias que trazem a fotografia nitidamente da vítima é a “Monstros enjaulado”, da qual foi retirada a imagem a seguir.



IMAGEM 41 – A MATÉRIA “MONSTROS ENJAULADOS” É A ÚNICA MATÉRIA DO JORNAL QUE APRESENTA UMA FOTOGRAFIA DO ROSTO DA VÍTIMA. IMAGEM RETIRADA DO CADERNO SEGURANÇA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ, E VEÍCULADA NO DIA 29 DE JUNHO DE 2013.

Trata-se de um caso de grande repercussão no Brasil, sobre o suposto estupro e a morte da menina Tayná, de 14 anos. O caso vinha sendo acompanhado pela mídia, desde o sumiço da menina. Percebe-se que a imagem da vítima só é utilizada quando o caso tem grande repercussão e que a fotografia é um *close up* do rosto da vítima. No entanto, esta imagem não foi feita exclusivamente pelo jornal, mas é uma fotografia pessoal da adolescente, que serve no jornal como uma identificação da vítima e um reforço que legitima a veracidade da notícia.

Nos casos de violência física (em que a vítima morre), quando há imagens ou fotografias, estas são geralmente do corpo da vítima, como ocorre em todo o jornal. As fotografias de corpos das vítimas, aparecem somente em uma matéria relacionada as mulheres. A matéria “Inimigo de quarto”, em que um homem estrangula e mata sua esposa (com idade de 20 anos) e estupra a amiga dela (com 14 anos).



IMAGEM 42 - FOTOGRAFIA DO CORPO DE UMA MULHER ASSASSINADA PELO MARIDO, HOMEM DA FOTOGRAFIA DA DIREITA. É A ÚNICA FOTOGRAFIA REFERENTE AS MULHERES NOS CASOS DE MATÉRIAS SOBRE VIOLÊNCIA FÍSICA. MATÉRIA “INIMIGO DE QUARTO”, VEICULADA NO DIA 27 DE MAIO DE 2013 NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

Aqui novamente a fotografia serve como uma legitimação para fazer crer na veracidade das informações do fato noticioso. Sendo assim, a maioria das fotografias utilizadas no jornal recebem um *status* de testemunho ou prova do fato ocorrido e noticiado, é o “espelho do real”. Contudo os meios de comunicação, e o jornal analisado não é diferente, utiliza-se das imagens com um intuito apelativo, aproximando o leitor dos acontecimentos e proporcionando a ele participação na notícia. No entanto, devemos sempre levar em conta que a fotografia “recria uma dada realidade” selecionada, desde a discussão do que é notícia e o que não é, até no momento da escolha de ângulo, de posição e da própria ideologia do meio de comunicação aonde a fotografia será veiculada.

Também há duas fotografias no periódico em que mulheres, consideradas



autoras do crime. A primeira imagem foi retirada do facebook e publicada na matéria “Adúltero sem perdão”. A mulher assassina o marido, mas na matéria ela aparece em uma fotografia lado a lado ao marido, diferente do que acontece quando a situação é ao inverso (quando homem assassina uma mulher).



IMAGEM 43 – FOTOGRAFIA PUBLICADA NA MATÉRIA “ADÚLTERO SEM PERDÃO”, IMAGEM RETIRADA DO FACEBOOK.



IMAGEM 44 – FOTOGRAFIA DE MULHER QUE ASSASSINOU O MARIDO EM LEGÍTIMA DEFESA. MATÉRIA “LAMINA DA SEPARAÇÃO”, DO DIA 9 DE ABRIL DE 2013.

A outra imagem é de uma mulher acusada de matar o marido. Na imagem também há a fotografia da arma usada no crime, uma faca ainda com as marcas de sangue nela. Observando a imagem a fisionomia da mulher remete a uma sensação

de maldade e crueldade. Entretanto, novamente a mulher é vitimizada, pois ela alegou que assassinou o marido em legítima defesa, pois estava sofrendo violência física e ele estava ameaçando matá-la.

As imagens dos corpos das vítimas, ou a utilização da imagem de suspeitos (não condenados pelo justiça), são antiéticas, porém usualmente aparecem em alguns jornais. Segundo o artigo 20 do Código Civil editado em 2002 [...] a exposição ou a *utilização da imagem* de uma pessoa *poderão ser proibidas*, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, *se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se destinarem a fins comerciais*<sup>22</sup>. No entanto, o direito de imagem não se refere apenas as fotografias da fisionomia facial, mas qualquer projeção que posso identificar um indivíduo na coletividade.

O jornal Tribuna do Paraná, como já mencionei anteriormente, denomina os agressores como “monstros”, “safados” e “tarados”, mas nas capas do jornal, na parte destinada ao caderno Tribuna POP (como já vimos um caderno voltado a mulher), apresenta fotografias de nudez de duas mulheres famosas. Parece paradoxal condenar um homem pelo ato de violência sexual, se ao mesmo tempo a mulher serve como objeto de desejo. Isso reforça que, como já citei, a mulher é vista como “carne” e os homens que comete o crime são simplesmente “safados” e “tarados” que não conseguem controlar seus “instintos masculinos”.

As capas a seguir são exemplos de como o jornal “justifica” as violências cometidas contra as mulheres, uma vez que o seu corpo não pertence a ela, pois é um objeto. Ambas as capas trazem como matéria principal do dia o mesmo caso de violência sexual, só que com visões diferentes. A primeira relata o caso de estupro da visão do estuprador, a segunda, dá voz à vítima, que conta como a violência aconteceu. (confira a capas na integra. Vide anexos 2 e 3).

---

<sup>22</sup> Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10406.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.html), Acesso dia 5 de novembro de 2013.



IMAGEM 45- MANCHETE DA CAPA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ, DO DIA 23 DE ABRIL DE 2013. O ASSUNTO EM DESTAQUE É A VIOLÊNCIA SEXUAL.



IMAGEM 46 - ASSUNTO PRINCIPAL DA CAPA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ DO DIA 25 DE ABRIL DE 2013.

No entanto, como já mencionado, na parte da capa destinada ao caderno Tribuna Pop, apresenta fotografias de mulheres seminuas em poses que incitam a fetichização da mulher. Desta forma, nas capas do jornal a mulher é representada em um conceito erótico, destinado a um público supostamente masculino e heterossexual. A figura feminina é proposta ao olhar do outro com um apelo sexual.



IMAGEM 47 – FOTOGRAFIA VEICULADA NA CAPA DO DIA 23 DE ABRIL DE 2013.



IMAGEM 48 – FOTOGRAFIA PUBLICADA NA CAPA DO DIA 25 DE ABRIL DE 2013, A MULHER APARECE COMO OBJETO SEXUAL NO JORNAL.

O fetichização da mulher nos meios de comunicação é algo construído e pensado. Percebe-se que o jornal utiliza imagens sensuais das mulheres, mesmo que a notícia publicada não faça nenhuma referência a mulher como objeto sexual.

O desejo é a chave para o entendimento destas imagens, e pode ser culturalmente decifrado a partir de alguns códigos que se articulam enquanto uma mensagem erótica: a indumentária utilizada pela



modelo, o olhar direto para a câmera, a postura corporal, o cenário e os objetos escolhidos, entre outros elementos, são intenções pensadas e construídas. (BOTTI, 2003, p. 111).

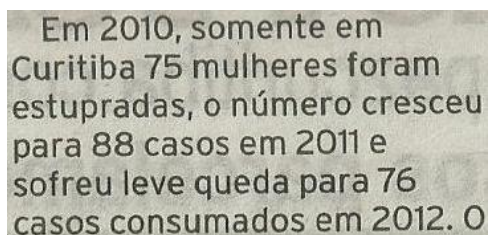
O que é aqui avaliado é a forma paradoxal que o jornal trata os crimes de violência sexual contra a mulher. Ou seja, o jornal repudia a violência sexual contra a mulher (enquadra os agressores como monstros por terem cometido atos de estupro) ao mesmo tempo em que reforça a imagem da mulher com um objeto sexual. Na verdade, a imagem da mulher fetichizada abre espaço para justificar que a mulher é um objeto. Sendo definida em função do homem, ela, o outro, não tem autoridade sobre o seu corpo, pois pode ser “usada”.

### 3.3 BREVE REFLEXÃO SOBRE A MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA”

De uma maneira geral, somente uma matéria, em três meses de jornal avaliado, faz referência ao problema da violência contra a mulher, mais especificamente sobre o estupro e violência sexual. As demais matérias apenas se detêm em trazer informações sobre o crime ocorrido.

A matéria “Nunca mais a mesma” publicada no dia 25 de abril de 2013, no Jornal Tribuna do Paraná, é uma das poucas matérias do período analisado (de abril a junho de 2013) que tem um cunho mais reflexivo sobre a violência contra a mulher. No mesmo dia, essa notícia saiu na capa do jornal como a manchete “Cicatriz eterna”. A matéria pretende esclarecer os transtornos sofridos pela vítima de estupro e o descaso das autoridades com relação ao problema. Pela primeira vez a mulher tem a oportunidade de expor sua opinião e contar sua “experiência”, é a visão “em primeira pessoas” (para conferir a matéria na íntegra vide anexo 4).

Nesta matéria uma mulher de 33 anos, com o nome fictício de Juliana, dá entrevista ao jornal e conta sobre a violência sexual que sofreu. Segundo ela, um homem invadiu sua casa e a obrigou a cozinhar e a desfilar de lingerie, para que o violentador escolhesse qual seria usada durante a violência sexual. Além de ser abusada sexualmente, a mulher conta que não recebeu nenhum apoio físico/psicológico das entidades responsáveis. Com o depoimento da mulher, há maior reflexão sobre o problema da violência sexual, reforçando que o estupro é um problema real. Inclusive estão presente dados que mostram a quantidade de estupros em Curitiba nos anos de 2010 a 2012.



Em 2010, somente em Curitiba 75 mulheres foram estupradas, o número cresceu para 88 casos em 2011 e sofreu leve queda para 76 casos consumados em 2012. O

Entretanto, ainda há o relato da violência e uma descrição da ficha penal do suspeito pelo crime (e até a fotografia dele). Como já mencionado, imagens de agressores são frequentemente publicadas nas matérias sobre violência contra a mulher (geralmente essas fotografias são do rosto do suspeito). Como já analisado em outras matérias do jornal, a mulher é considerada novamente apenas enquanto vítima. No caso, seu nome verdadeiro não é publicado (sendo usado o nome fictício de Juliana), nem outras informações que a “personalizasse” como “sujeito” e aparecem somente as mãos da mulher na fotografia.



**S**uperar o trauma do estupro tem sido o sofrimento diário para Juliana (nome fictício) que tenta esquecer a violência e entender o descaso de órgãos dos governos estadual e municipal. Ela passou quase três horas de terror nas mãos do estuprador. Maicon Cesar Azevedo, 27 anos, preso no dia do crime, atormentou a mulher, de 33 anos, contando detalhes do estupro que teria cometido contra uma menina de 12 anos há menos de um mês. A criança era vizinha de Juliana.

IMAGEM 50 – TRECHOS DA MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA”. PUBLICADO NO DIA 25 DE ABRIL DE 2013 NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

Neste trecho da matéria a mulher é considerada uma vítima que não reagiu a violência, pois “passou quase três horas de terror nas mãos do estuprador”. Ela não teve reação (pelo menos não consta esta informação na matéria) o que reforça o patriarcalismo e a relação de dominação e exploração do homem com relação à mulher, “o sexo frágil”. A mulher também é representada como vulnerável às ações de violentadores, já que esta nada pode fazer para evitar a violência. A própria mulher se considera vítima da situação.

“Ele estava consciente, não estava drogado. Sabia o que estava fazendo, está acostumado com isso. Parou porque foi esfa-

queado, mas a ambulância que foi chamada para me atender, primeiro socorreu ele, eu que sou a vítima fiquei 20 minutos esperando até mandarem outra”, relembra.

IMAGEM 51 – TRECHOS DA MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA”, retirado do jornal tribuna do Paraná.

Nesta matéria a ex-delegada da delegacia da mulher, Maritza Haisis, fala da dificuldade e os receios das mulheres em denunciar o agressor. Segundo ela, isso se dá por medo ou vergonha. Também dá “dicas” de como a mulher deve se “proteger” para “evitar possíveis estupros” ou de como “se portar” durante a violência sexual. Confira a seguir.



**DICAS**

**Como evitar**

- ▶ Não circular em ruas desertas e locais ermos, principalmente à noite ou em horários com pouca circulação de pessoas.
- ▶ Andar na rua sempre atenta a possíveis pessoas que estejam seguindo. Em caso de perseguição, entrar em estabelecimentos ou em residências próximas.
- ▶ Evitar a palavra “socorro”, que pode repelir ajuda ao invés de atraí-la. Preferível usar outras expressões como “ajuda”, “ladrão”, “fogo”, etc.

**Durante a agressão**

- ▶ Tentar não reagir para evitar maiores lesões ou mesmo a morte.
- ▶ Memorizar o máximo de características do indivíduo para ajudar a polícia.
- ▶ Preservar todas as provas como roupas e objetos que ajudem no trabalho de identificação e prisão do estupro.

Fonte: delegada Maritza Haisi, da Coordenadoria das Delegacias da Mulher do Paraná

**O que fazer depois do estupro**

- ▶ Procurar o Hospital Evangélico (Alameda Augusto Stelfeld, 1908 - Bigorrião - Fone 3240-5000). Ou o Hospital das Clínicas (Rua General Carneiro, 181 - Alto da Glória - Fone 3360-1800).
- ▶ Procurar a Delegacia da Mulher (Rua Padre Antônio, 33 - Centro - Fone 3219-8600)
- ▶ Avisar a Polícia Militar pelo telefone 190.

IMAGEM 52 – DICAS DE COMO EVITAR E REAGIR DURANTE ABUSOS SEXUAIS PUBLICADA NA MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA”. PUBLICADAS NO DIA 25 DE ABRIL DE 2013 NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.

No entanto, algumas dicas são um tanto “utópicas”. Hoje as mulheres estudam e trabalham fora de casa, o que dificulta “não andar sozinha a noite”. Na verdade questões como essas sugerem que se uma mulher for estuprada por estar sozinha a noite, ela é a culpada pois estava “procurando ser estuprada”. Outra dica insensível é “evitar reagir durante a agressão sexual”, o que parece difícil em uma situação como esta.

## CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a analisar a representação da mulher nos assuntos relacionados à violência física e sexual, no Jornal Tribuna do Paraná (que circula em Curitiba e Região Metropolitana). Foram avaliados 76 exemplares do jornal, de abril a junho de 2013, e destes 50 exemplares tinham em suas páginas 77 matérias e notas, além de imagens relacionadas à mulher e as violências escolhidas para serem analisadas.

É importante ressaltar que os trabalhos relacionados aos estudos de gêneros ainda são pouco trabalhados nas Universidades. É de extrema relevância que estudos nessa área sejam cada vez mais comuns, uma vez que, permitem entender como a mídia ajuda a reforçar e a criar estereótipos e até mesmo preconceitos com relação às condições do “ser mulher”. Outro fator importante é entender que os meios de comunicação são “empresas” que seguem linhas editoriais devido aos interesses de donos e associados.

Para a pesquisa foram selecionadas matérias e imagens que fazem referência a violência contra a mulher (física e sexual), no entanto, apenas as violências que ocorreram em Curitiba e Região Metropolitana, e que a idade mínima da vítima deveria ser de 12 anos de idade. Foram encontrados 13 tipos de crimes cometidos contra a mulher, sendo que estes envolvem a violência física e sexual. A partir disso foram classificados em quatro categorias: A1 Violência física premeditada por conhecidos; A2 Violência física ocasionada por desconhecidos em assaltos, roubos, furtos, latrocínio (roubo seguido de morte) e tentativa de homicídio/homicídio; A3 Estupro, envolvendo violência sexual em geral, estupro de vulnerável e qualquer forma de sexo sem o consentimento da vítima e; A4 Assédio sexual e tentativa de estupro.

Após a análise pode-se ressaltar que a mídia é parcial, ou seja, não é isenta. Desta forma, o jornal contribuiu para uma visão da mulher como sendo submissa ao homem. Tanto nas matérias quando em imagens (fotografias e ilustrações que foram veiculadas) o jornal constrói uma imagem social de mulher “sexo frágil”, um “ser vulnerável” e que ela é sempre o objeto passivo, que não reage (ou não deveria reagir) a violência, enquanto que o homem é o sujeito ativo.

Nessas matérias a mulher é vitimizada, sem que haja discussões acerca da

violência por ela sofrida e sem que aja a descrição de características físicas e emocionais (e nada sobre a vida dessas mulheres violentadas) o que poderia “personalizá-las enquanto “sujeito” e criar empatia. Contudo os homens sujeitos que praticam a violência são descritos e, na maioria dos casos, tem sua fotografia publicada nas páginas do jornal (geralmente essas são frontais e, em algumas, até de *close up*).

O jornal também traz uma imagem erotizada da mulher, principalmente nos cadernos Triboladas (de “caráter masculino”) e Tribuna Pop (de “caráter feminino”). Em ambos os cadernos, há sempre fotografias de mulheres nuas e/ou seminuas, que reforça o estereótipo de mulher objeto sexual e a dominação do corpo desta.

Além do mais, segundo dados do jornal, as mulheres representam somente 37% dos leitores do jornal. A partir destes dados podemos afirmar que o impresso é em sua maioria lido por homens e que ele contempla os interesses “considerados masculinos”. As mulheres são representadas no jornal de uma forma voltada aos homens, pois ela é geralmente um objeto sexual ou de violência.

A passividade da mulher é, segundo Safiotti (2001) uma questão de gênero e destino, já que por a mulher ser vulnerável ele não teria como evitar essas atos de violência. No entanto, para ela a vitimização da mulher e a aceitação de um projeto de dominação jogam a responsabilidade da violência para a mulher, uma vez que ela não reage ao patriarcalismo e por isso mesmo é agredida.

Na realidade o periódico avaliado se propõem a analisar o impacto da violência na sociedade. No entanto, raramente, discute ou reflete sobre a violência, apenas ressalta que uma violência aconteceu, em determinado local, como uma determinada pessoa, muitas vezes tornando a situação cômica. São poucas as matérias em que há uma maior reflexão do problemas (como a matéria “Nunca mais a mesma”). Sendo assim, o jornal trata de forma paradoxal os crimes de violência contra a mulher, principalmente os crimes sexuais. Ou seja, repudia a violência sexual contra a mulher (enquadra os agressores como monstros por terem cometido atos de estupro) ao mesmo tempo em que reforça a imagem da mulher com um objeto sexual. A imagem da mulher fetichizada abre espaço para justificar que a ela é um objeto e que é passiva perante o homem sujeito.

A Tribuna do Paraná dificilmente mostra a mulher como sujeito, pois quando há suspeitos do crime eles são descritos fisicamente e tem chance de resposta (de serem entrevistados e dar sua versão do crime) e, quando não há suspeitos, a

matéria passa a ser uma mera descrição de crimes e uma busca pelo autor do ato violento. Percebe-se isso também nas fotografias (que são geralmente do agressor) e nos títulos que raramente mencionam a palavra mulher (sujeito oculto da frase), apenas faz alusão ao gênero com frases do tipo, “Achada nua e morta a pedradas em terreno” (veiculada dia 21 de maio de 2013).

Desta maneira, foi possível analisar que essa situação é um costume no jornal e suas matérias, nas quais as fotografias reforçam o patriarcalismo. No entanto, o periódico poderia tomar providências para mudar essa visão sobre a mulher violentada, que é sempre vítima. Nos títulos do jornal o simples fato de inverter a ordem do sujeito da frase, já daria a mulher o *status* de “sujeito”. Essa mudança de formato, entretanto, não será suficiente para alterar a construção da identidade feminina como objeto e vítima. Mas, as discussões e reflexões sobre tema violência, a utilização de fotografia das mulheres e as descrições de suas histórias de vida (assim como acontece com o agressor) possibilitariam que a mulher fosse caracterizada como sujeito, e não apenas que seja vista como um objeto vulnerável da ação do homem.



## ANEXOS

**ANEXO 1- MATÉRIA SOBRE O ESTUPRO COLETIVO DE UMA TURISTA QUE VISITAVA O RIO DE JANEIRO. A PESQUISA DESTA PRESENTE TRABALHO NÃO ANALISOU OS CASOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL FORA DE CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA. MATÉRIA PUBLICADA NO DIA 3 DE ABRIL DE 2013.**

### Estupro de turistas no RJ

AE

A Polícia Civil do Rio vai investigar casos antigos de roubos que podem ter sido praticados pelos mesmos suspeitos de assaltar e estuprar uma turista estrangeira e uma jovem brasileira dentro de uma van que circulava em Copacabana, nos dias 23 e 30 de março.

A ocorrência dos dois estupros também mostrou a diferença de tratamento dado às investigações conduzidas por duas delegacias especializadas. Em 14 horas, a

Delegacia de Atendimento ao Turista (Deat), onde a turista estrangeira prestou queixa, localizou e prendeu Jonathan Foudakis de Souza, de 20 anos, e Wallace Aparecido Souza Silva, de 22, e chegou ao terceiro suspeito, Carlos Armañdo Costa dos Santos, 21, pouco tempo depois. Já a inércia da Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) de Niterói (região metropolitana), onde a vítima brasileira prestou queixa no dia 23, levou a chefe da Polícia Civil do Rio, Marta Rocha, a exonerar a delegada da Deam e uma perita.

ANEXO 2 – CAPA DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ DO DIA 23 DE ABRIL DE 2013. O JORNAL PUBLICA ASSUNTOS COMO VIOLÊNCIA SEXUAL E NUDEZ JUNTAMENTE NA CAPA DO PERÍODICO, O QUE É PARADOXAL VISTO QUE A FETICHIZAÇÃO DA MULHER REFORÇA QUE O CORPO DA MULHER NÃO PERTENCE A ELA.

**Terça** 23 04 13

**CURITIBA**  
máx. 21°  
mín. 10°

**Números de gente grande**

Garotada do Atlético não está só a caminho da final do Estadual. Sequência invicta vai escrevendo um recorde na história. **p8**

**Coxa com bomba caseira na cadeia p7**



**TRIBUNA**

**1,00**  
R\$

# MONSTRO E

# DESCARADO

ESTUPRA MULHER E AINDA EXIGE COMIDA. Maníaco só não abusou de menina da casa ao lado porque irmão dela meteu a faca e o mandou pro hospital e pra cadeia. **p7**



**SEGUINDO OS PASSOS DO 'PROFESSOR'**

Há dois anos, mais de 30 garotos participam de projeto criado pelo ex-jogador **Mauro**. **p5**



TRAGÉDIA NO TREVO

Motorista foi resgatado com vida no meio da cabine destruída, mas morreu no hospital. **p6**



**QUEM TENTA CONSEGUE**

Secretária curitibana Kelly Baron, que não emplacou no BBB13, virou celebridade num reality de Portugal. Isso é persistência, ora pois!

**Não precisa mais ir ao Detran pra renovar carteira **p2****

**Vacinação prorrogada até o dia 30 **p2****

**Prepare seu bolso: álcool vai subir 6% **p2****



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

Editais na página 11



**AUTO ESCOLA Silva**

Que tal parcelar as taxas do Detran e começar hoje sua carteira de motorista?

**3224-2428**



ANEXO 3- CAPA DO JRNAL TRIBUNA DO PARANÁ DO DIA 25 DE ABRIL DE 2013. AO MEMSO TEMPO EM QUE O JORNAL CONDENA O AUTOR DE UM CRIME SEXUAL, TAMBÉM REFORÇA O ESTEREÓTIPO DE MULHER OBJETO SEXUAL.

**Quinta** 25 04 13

**CURITIBA**  
máx. 23°  
mín. 11°

**2x3**

**Pura decepção**

Além do Estadual, Paraná está eliminado da Copa do Brasil. Diretoria já tem nome do técnico pra Série B. **p16 e 17**

**Seleção não passa de empate com o Chile** **p20**

**OBRA DE ARTE**  
Pra quem sonha com uma **Ferrari F12**, lá vai uma dica: custa entre R\$ 2,4 e R\$ 2,9 milhões.

**TRIBUNA**

**1,00**  
R\$



# CICATRIZ ETERNA!

**VÍTIMA FALA DO DRAMA APÓS ESTUPRO E DO DESCASO DO PODER PÚBLICO.** Não há nada que faça a mulher esquecer a bestialidade de **Maicon Cesar Azevedo**. Pior que tomar 14 comprimidos e 4 injeções foi ver a ambulância socorrer o maniaco antes dela. Veja como evitar esse tipo de situação. **Exclusivo**, na página **9**.



**Todo mundo quer ficar bonito**

Um milhão de brasileiros faz cirurgia plástica por ano. Estética ou reparadora. Maioria é de mulheres, claro! **TDelas**, **p36**.

**PRA DEIXAR A GALERA LOUQUINHA**  
**Jack Moranguinho**, vocalista do Bonde das Felinas, adora espalhar seu charme. Neste ensaio, ela mostra seu amor pelo Coxa e vai firme pro concurso "Belas da Torcida".



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
Editais na página 7

**Corujão**  
Doi Auto.

Guiaozes, 400  
Vila Izabel  
**3340 4400**

**CACADORES NOTÍCIAS**  
**TRIBUNA**  
Mojo estamos no **BAIRRO ALTO**

**ANEXO 4 – MATÉRIA “NUNCA MAIS A MESMA” COMPLETA. A MATÉRIA VEICULOU ENTREVISTA COM UMA MULHER QUE SOFREU VIOLÊNCIA SEXUAL. PUBLICADA NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ NO DIA 25 DE ABRIL DE 2013.**

**Estupro** | Mulher relata horas de terror nas mãos de maníaco que a obrigou a desfilir de lingerie para escolher qual a melhor pra violência sexual

# Nunca mais a mesma

Elaine Felchacka

**S**uperar o trauma do estupro tem sido o sofrimento diário para Juliana (nome fictício) que tenta esquecer a violência e entender o descaso de órgãos dos governos estadual e municipal. Ela passou quase três horas de terror nas mãos do esturpador. Maicon Cesar Azevedo, 27 anos, preso no dia do crime, atormentou a mulher, de 33 anos, contando detalhes do estupro que teria cometido contra uma menina de 12 anos há menos de um mês. A criança era vizinha de Juliana.

Para a mulher violentada, o estupro era rotina na vida de Maicon. Ele usou preservativo e teve o cuidado de se livrar da camisinha depois. Mas antes, exigiu que Juliana lhe preparasse macarrão, queado, mas a ambulância que foi chamada para me atender, primeiro socorreu ele, eu que sou a vítima fiquei 20 minutos esperando até mandarem outra”, relembra.

**Sem assistência**  
Ele também teria esturpado outra vizinha, que morava na casa da menina antes de a família abandonar o bairro em dezembro de 2012, sem registrar a ocorrência em uma delegacia. “Pela maneira de agir, falar ao telefone quando estava na casa, usar uma faca estilo peixeira, pedir dinheiro foi ele que cometeu o estupro da antiga vizinha também. Tudo aconteceu como foi comigo”, conta Juliana.

Juliana se revolta pela falta de assistência. Ela não quer só justiça, mas também cuidados e atenção. “Não tenho dinheiro nem para pegar o ônibus e ir à delegacia. Tenho que contar com a ajuda dos vizinhos até para comer. Onde estão os direitos humanos? São só para bandidos?”, reclama. A mulher teve que tomar um coquetel de 14 comprimidos e quatro injeções para evitar doenças e está tomando outras duas medicações que causam sérios efeitos colaterais.

**Terror**  
A vizinha que quase viu a filha ser vítima de Maicon na mesma noite também pede assistência para a adolescente, que não quer mais voltar para casa, e para o filho que esfaqueou Maicon, impedindo que a irmã se tornasse vítima. A adolescente que ficou escondida sob um edredom enquanto o irmão lutava com o agressor.

**Medicamentos administrados no hospital**

Medicamento	Dose	Intervalo	Observações
Paracetamol	500mg	6h	Para dor
Clonazepam	0,5mg	12h	Para ansiedade
Amoxiclavina	625mg	8h	Antibiótico
Metformina	850mg	12h	Para diabetes
Insulina	10U	12h	Para diabetes
Aspirina	100mg	8h	Para dor e inflamação
Clonazepam	0,5mg	12h	Para ansiedade
Amoxiclavina	625mg	8h	Antibiótico
Metformina	850mg	12h	Para diabetes
Insulina	10U	12h	Para diabetes
Aspirina	100mg	8h	Para dor e inflamação

**Vítima tem que tomar remédios pra evitar doenças.**

bebeu na casa da vítima e a obrigou a fazer um desfile de lingerie para escolher as peças que ela vestiria na hora do abuso sexual.

“Ele estava consciente, não estava drogado. Sabia o que estava fazendo, está acostumado com isso. Parou porque foi esfa-

**Preso é suspeito de pelo menos dois crimes**

Judson André e EF

O suspeito de esturpar duas mulheres e tentar violentar uma menina de 12 anos no Atuba foi ouvido ontem no 2º Distrito Policial e será encaminhado para o sistema prisional ainda esta semana. Segundo a polícia, ele estava bastante agitado e precisou ser contido dentro da carceragem.

Maicon Cesar Azevedo, 27 anos, já foi condenado por latrocínio (roubo seguido de morte) e estava foragido da Colônia Penal Agroindustrial (CPAI) desde agosto do ano passado. Ele foi recapturado na segunda-feira, depois de ser esfaqueado pelo irmão de uma menina, de 12 anos, que tentava esturpar. Os investigadores ouviram as três vítimas também.

**Malcom fugiu da CPAI.**

na tarde de ontem. Eles contam com a ajuda de outras delegacias, onde também havia denúncias registradas contra

Malcom. “Em seu depoimento ele não fala coisa com coisa. Sempre está muito agitado e foi difícil conseguir contê-lo para colher o depoimento”, relatou o delegado Antônio Macedo de Campos Júnior.

**Investigação**  
A Polícia Civil investiga a participação de Maicon em outros estupros e espera que vítimas possam fazer o reconhecimento dele, como fez a menina de 12 anos que foi abusada há menos de um mês. Ele age na região do Atuba e as mulheres que já o reconheceram acreditam que ele teve cobertura de um casal. O homem seria irmão de Maicon, mas a polícia ainda não identificou nenhum dos dois comparsas.

**Receio de denunciar**

Um dos grandes problemas enfrentados pelas equipes de investigação é a ausência de denúncia por parte da vítima. “Tivemos o caso de um esturpador preso ano passado. Ele havia abusado de 23 mulheres, mas a maioria delas só apareceu para denunciá-lo depois que ele foi preso”, contou a delegada Maritza Haisi, da Delegacia da Mulher. Segundo ela, existem três fatores que impedem as denúncias: vergonha, medo de não acreditarem na versão da vítima e rejeição em reviver o trauma do estupro, contando o que aconteceu.

Em 2010, somente em Curitiba 75 mulheres foram esturpadas, o número cresceu para 88 casos em 2011 e sofreu leve queda para 76 casos consumados em 2012. O

**Maritza: faltam denúncias.**

Código Penal prevê pena mínima de 6 anos e máxima de 30 para esturpadores, variando de acordo com a gravidade do caso.

**Atendimento especializado**

Em Curitiba, dois hospitais têm um protocolo específico para atendimento de vítimas de estupro: Hospital das Clínicas e Hospital Evangélico. “Ambos são conveniados com delegacias da mulher. Além dos cuidados médicos, os profissionais sabem agir rapidamente. Comunicam a polícia e também o Instituto Médico-Legal, que envia um perito para coleta imediata de provas”, pontuou Maritza.

Segundo ela, é necessário um tratamento especial nestes casos. Além do trauma psicológico, a mulher precisa passar por um processo de profilaxia, ingerindo medicamentos que evitam a gravidez e combatem a possível infecção com doenças sexualmente transmissíveis, como a aids por exemplo.

**Urgência**  
“Todos estes cuidados devem ser tomados em 72 horas após o estupro. Por isso, é importante que as vítimas procurem um desses dois hospitais, ou mesmo a delegacia da mulher mais próxima e a Polícia Militar”, orientou a delegada. (JA)

**DICAS**

**Como evitar**

- ▶ Não circular em ruas desertas e locais ermos, principalmente à noite ou em horários com pouca circulação de pessoas.
- ▶ Andar na rua sempre atenta a possíveis pessoas que estejam seguindo. Em caso de perseguição, entrar em estabelecimentos ou em residências próximas.
- ▶ Evitar a palavra “socorro”, que pode repelir ajuda ao invés de atraí-la. Preferível usar outras expressões como “ajuda”, “ladrão”, “togo”, etc.

**Durante a agressão**

- ▶ Tentar não reagir para evitar maiores lesões ou mesmo a morte.
- ▶ Memorizar o máximo de características do indivíduo para ajudar a polícia.
- ▶ Preservar todas as provas como roupas e objetos que ajudem no trabalho de identificação e prisão do esturpador.

**O que fazer depois do estupro**

- ▶ Procurar o Hospital Evangélico (Avenida Augusto Sheffeld, 1908 - Bigorrinho - Fone 3280-5000). Ou o Hospital das Clínicas (Rua General Carneiro, 181 - Alto da Glória - Fone 3560-1800).
- ▶ Procurar a Delegacia da Mulher (Rua Padre Antônio, 33 - Centro - Fone 3279-8600).
- ▶ Avisar a Polícia Militar pelo telefone 190.

**Fonte:** delegada Maritza Haisi, da Coordenadoria das Delegacias da Mulher do Paraná.

**Medo paralisa vítimas.**

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Jeferson Lima; DESCARDECI, Maria Alice. *Estudos Semióticos*. Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 124-137. Acesso em: 6/09/2013
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo*. 3 Ed- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*.
- BOTTI, Maria Meloni Vieira. *Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher*. Caderno Pagu, 2003, Campinas, n.21, p.103-31, 2003.
- BRAGA, Adriana. *Corpo e Mídia: fragmentos históricos da imprensa feminina no Brasil*. UNISINOS, 2003.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a Representação da Mulher na Imprensa Feminina brasileira*. 2. Ed. – São Paulo: Summus, 2009.
- CAETANO, Paulo Henrique. *A imprensa no Brasil e a grande imprensa em Minas Gerais : surgimento, hegemonia e declínio*, 2011.
- CINTI, Paulo et.at ,*História da publicidade brasileira*, 2010.
- CORREIA, Cláudio Manuel de Carvalho. *Fundamentos da semiótica Perciniana.*, 2009. Disponível em: <[www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/38.pdf](http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/38.pdf)>. Acesso em: 17 de out. de 2013.
- DA CRUZ, Sabrina Uzêda. *A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja*, 2008. Disponível em: <[www.cult.ufba.br/enecult2008/14477.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14477.pdf)> Acesso em: 11 de Nov. de 2013.
- DE MELO, Patricia Bandeira. *Um passeio pela história da imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço*, 2005.
- DE SOUZA, Alail Cristina Abadia, et. At, *Comunicação pela imagem: uma análise semiótica de fotografias de elementos religiosos da cultura indígena Xavante*, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0467-1.pdf>> Acessado em: 25 de maio de 2013.



DE SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho. *A Fotografia Enquanto Representação do Real: A identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic*. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-a-fotografia-enquanto-representacao-do-real.pdf>> Acesso em: 11 de Nov. de 2013.

DUZENTOS ANOS DE IMPRENSA NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.observatoriodeimprensa.com.br/download/488MC002.pdf>> Acesso em: 15 de julho de 2013

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (org) *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*, 2008. Disponível em <<http://pucrs.br/edipucrs/comunicacaoegenero.pdf>> Acessado em: 3 de março de 2013.

FERREIRA, Dina Maria Martins, Org. *Imagens o que fazem e significam*. São Paulo: Annablume, 2010.

FIDALGO, Antônio. *Semiótica: A lógica da comunicação*. 1998. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-logica-comunicacao.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-logica-comunicacao.pdf)> Acesso em: 2 de out. de 2013.

FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/programas-de-a-a-z/pj-lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>> Acessado em: 29 de junho de 2013.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

GONTIJO, Silvana. *O livro de Ouro da Comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GREGORI, Maria Filomena. *Relações de violência e erotismo*. Caderno Pagu, 2003.

GURGEL, Telma. *Feminismo em luta de classe: História, Movimento e desafios teóricos-políticos dos feminismos na contemporaneidade*, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680\\_ARQUIVO\\_Feminismoelutadeclasse.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf)> Acessado em: 23 de maio de 2013.

HEIDEGGER, Martin. *O meu caminho na fenomenologia*, 2009. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/heidegger\\_martin\\_o\\_meu\\_caminho\\_na\\_fenomenologia.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_martin_o_meu_caminho_na_fenomenologia.pdf)> Acesso em: 4 de nov. De 2013.

IMPRENSA BRASILEIRA – DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA. Disponível em: <<http://www.anj.org.br>> Acesso em: 13 de junho de 2013

JORNAIS: BREVE HISTÓRIA. Disponível em: <[HTTP://www.anj.org.br](http://www.anj.org.br) > Acesso em: 13 de junho de 2013

NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, Informação e Comunicação*. 4 Ed. – São Paulo: Editora Perspectiva, 1996

NÖTH, Winfried, *Panorama da Semiótica de Platão a Peirce*. 3 Ed.- São Paulo: Annablume, 2003

PEIRCE, Charles S., *Semiótica*. 4 Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2010

PIGNATARI, Décio. *Semiótica & Literatura*. 6 Ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

PUPPI, Alberto. *Comunicação e Semiótica*. Curitiba, Ibipex, 2009

RODRIGUES, Luciana Varga. *A representação da mulher na imprensa feminina*, 2004

SAFIOTTI, Heleieth. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*, Revista Pagu, 2001.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. Coleção primeiros passos, 2010

SERRA, Paulo, *Pierce e o signo como abdução*. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/jpserra\\_peirce.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/jpserra_peirce.pdf)> Acessado em: 25 de maio de 2013

SILVA, Mariluze Ferreira de A, COSTA, Paulo H. S. *O método pragmático de Charles S. Peirce*. 2011. Disponível: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/2\\_BICALHO\\_O\\_METODO\\_PRAGMATICO\\_DE\\_CHARLES\\_S\\_\\_PEIRCE\\_\\_revista\\_met.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/2_BICALHO_O_METODO_PRAGMATICO_DE_CHARLES_S__PEIRCE__revista_met.pdf)> Acesso em 23 de Set, de 2013.

SODRÉ, Muniz, *Comunicação: um campo em apuros teóricos*. São Paulo, 2012

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TIPOS DE VIOLÊNCIA COMETIDA CONTRA A MULHER. Disponível em <<http://www.ess.ufrj.br/prevencaoviolencaisexual/index.php/tipos-de-violencia-cometida-contr-a-mulher>> Acessado em: 23 de maio de 2013.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. V. 43 – São Paulo: Summus 1993.

TRIBUNA. Disponível em: < <http://www.grpcom.com.br/grpcom.html> > 10 de mar. 2013

WOLF, Naomi. *O mito da beleza. Como as imagens são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.